Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci1761unse

3-5 Immaculate

ANO XVII — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1941 — N. 6

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa
Durante o Sono
O Espiritismo em face da Ciência
Provas da Sobrevivência
Inimigos do Espiritismo
Sôbre a superstição
Trinta anos entre os mortos
Uma página de Mrs. E. D'Esperance
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Necrológio

Mrs. E. D'Esperance

Livros Espíritas

ALLAN KARDEC

Livro dos Espíritos	10$000
Livros dos Médiuns	10$000
Céu e Inferno	10$000
Genesis	10$000
Obras Póstumas	10$000
Evangelho Segundo o Espiritismo	8$000
O que é o Espiritismo	6$000
Principiante Espírita	4$000
Instrução Pratica	7$000
A Prece	4$000

ANTONIO LUIZ SAYÃO

Elucidações Evangelicas	14.000

ANTONIETE BOURDIN

Entre Dois Mundos	8.000
Memorias da Loucura	6.000

AMALIA SOLER

Memorias do Padre Germano	10$000

ANTAO DE VASCONCELOS (DR.)

Revelações de Além Tumulo	8$000

ALMERINDO MARTINS DE CASTRO

O martírio dos Suicidas	7$000
Antonio de Padua	6.000

ANGEL AGUAROD

Grandes e Pequenos Problemas	7$000
» « « broc.	5.000

A. A. MARTINS VELHO (DR.)

Espiritismo Contemporaneo	7$000

ANTONIO LIMA

Evangelho das Crianças	3.000
A Caminho do Abismo (romance)	6$000
» « « broc.	4.000
A Senda de Espinhos (romance)	6$000
« « « brochado	4.000
Estrada de Damasco (romance)	6$000
« « « brochado	4 000
A Sonambula (romance)	8$000

ALEXANDRE DIAS

Trajetorias das Almas (romance)	5.000
Fazenda Mal Assombrada «	7.000

ALPHEU GOMES O. CAMPOS

Amor á Verdade	3$000

ARLINDO COLAÇO

Domínio Nefando	7.000

AFONSE BUE

Magnetismo Curador	6.000
Magnetismo e Hipinotismo Curativo	8.000

ANTONIO BASSO

As Harmonias da Natureza	2$000
Espiritismo e Moralidade	2$000

A. WYLM (DR.)

O Rosario de Coral	6$000

ABEL GOMES

A Felicidade	6$000

AURELIO A. VALENTE

Sessões Práticas e Doutrinárias	7$000

ANGELITA LOMBA

Patria (poesias mediúnicas)	3$000

AEROLINO GURJAO

Expiação (novela)	8.000

A. THOMPSON

A Vida	6$000

BEZERRA DE MENEZES (DR.)

Doutrina Espírita	3$000

BITENCOURT SAMPAIO

Jesus para as crianças	6$000
Jesus perante a Cristandade	7$000
« « « broc.	5.000

BENEDITO G. NASCIMENTO

Unicidade e Pluralidade das existências	4$000

B. FONSECA

Protestantismo e Espiritismo	5.000

CAIRBAR SCHUTEL

Parabolas e Ensinos de Jesus	12$000
O Espirito do Cristianismo	10$000
Vida e Atos dos Apostolos	9$000
A Vida no Outro Mundo	7$000
Conferências Radiofonicas	7$000
Médiuns e Mediunidades	5$000
Interpretação do Apocalípse	3$000
Espiritismo e Protestantismo	3$000
Cartas a Esmo	3.000
Histería e Fenômenos Psíquicos	3.000
Genesis da Alma	2$000
O Diabo e a Igreja	3$000

CONAN DOYLE

A Nova Revelação	6$000

CAMILLE FLAMMARION

Sonhos Estelares	10.000
Stella	12.000
O Fim do Mundo	10.000
Urania	8.000
Deus na Natureza	12.000
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	15$000

CODRO PALICY

Eleonora — romance	10.000
Vitimas do Preconceito—romance	7.000

CONSTATINO J. NOGUEIRA

Aqui e Além	2.000

CLOVIS TAVARES

Sementeira Cristã:	
1.º Livro de Leitura	4.000
2.º Livro de Leitura	4.000

CELESTINA ARRUDA LANZA

O Espirito das Trevas (romance)	12.000
O Beijo da Morta «	6.000

C. IMBASSAHY (DR.)

O Espiritismo á Luz dos Fatos	10.000
A' Margem do Espiritismo	7.000
Os Menezes — romance	6.000

CLOTILDE V. BARROS

Judas de Kerioth	4.000

CRISANTO DE BRITO

Allan Kardec e o Espiritismo	4.000

CORIOLANO R. A. GOES

Surtos da Verdade (Poesias)	3.000

C. PICONE CHIODO

A Verdade Espiritualista	6$000

DANIEL SUAREZ ARTAZU

Marieta — romance	10.000

ESTELITA JUNIOR

As minas do Sincorá	5$000

ELIAS SAUVAGE

Mirôta — romance	6.000

EX-PADRE CHINIQUI

O Padre, a Mulher e o Confissionario	7.000

ERNESTO BOZZANO (DR.)

A Crise da Morte	6$000
Pensamento e Vontade	6$000
« « brochado	4.000
Remontando ás Origens	2$000
A metapsíquica humana	7$000
Fenômenos Psíquicos no momento da morte	7$000
brochado	5.000
Xenoglosia	7$000
« brochado	5.000
Enigmas da Psícometria	7$000
Literatura de Ultra-Tumba	2$000
Animismo ou Espiritismo ?	12 000

ESTHER FERREIRA V. CALDERON

Religiões, Mitos e Crendices	20.000

EPAMINONDAS DE SOUZA

As Enfermidades e os Espíritos	2.000

ÊMILIANA DELMINDA

Calvario do Amor—romance	5.000

FRANCISCO C. XAVIER

O Consolador	8.000
Ha dois mil anos	10.000
50 Anos Depois	10.000
Parnaso de Além Tumulo	10$000
Cartas de uma Morta	5$000
Crônicas de Além Tumulo	8$000
Emanuel	6$000
Brasil, Coração do Mundo, Patria do Evangelho	7$000
A Caminho da Luz	6$000
Novas Mensagens	6.000

FERNANDO LACERDA

Eça de Queiroz Póstumo	10$000
Do Paiz da Luz—4 volumes	20.000

F. CHAVES

Assuntos Espíritas	3.000

FRANCISCO ZINGAROPOLI

Morte Aparente e Sobrevivência da Alma	2.000

GEORGES DEJEAN

A Nova Luz	10.000

GABRIEL DELANNE

O Espiritismo perante a Ciência	12$000
Evolução Anímica	12$000
A Alma é Imortal	12.000
Reencarnação	12.000

GUERRA JUNQUEIRO

Rimas de Além Tumulo	4.000
Os Funeraes da Santa Sé	8.000

GUILHERME MONIZ

O que os Espíritas devem saber	3$000

H. DENIS BRADLEY

Rumo ás Estrelas	7.000

HUGO ROCHA

Problema dos Fantasmas	5.000

H. DIAS e A. DIAS

Nova Ortografia com vocabulario	4.000

HORA ESP. RADIOFONICA

1.º Fascículo	1.000

IGNACIO FERREIRA (DR.)

Conselhos ao meu Filho	4.000

ISMAEL GOMES BRAGA

Veterano ?	7$000
Esperanto sem Mestre	4$000
Esperanto—Manual Completo	20$000
1.º Manual do Esperanto	2$000
Metodo de Esperanto	5$000
Esperanto-Modelo	7$000

JOSE AMIGO Y PELICER

Roma e o Evangelho	8.000

JESUS DIAS DE LEON (DR.)

A imortalidade da Alma	4$000

J. LHOMME

Guia Metódico do Experimentador Espirita	2.000
O Além para todas as Inteligencias	5.000

JOSE SURINACH

Lydia	7.000
Spiritus Maledictus	6.000
Memorias de uma Alma	7.000

J. W. ROCHESTER.

O Chanceler de Ferro	12.000
Herculanum	12$000
A Vingança do Judeu	12$000

JACOLIOT

Espiritismo na India	4.000

J. A. NOGUEIRA

Amor Imortal	8$000

JULIO C. LEAL

A Casa de Deus—romance	6$000

JOSE' FUZEIRA

Rompendo as Trévas	8$000

JACY REGO DE BARROS

Senzala e Macumba	3.000

J. ARTUR FINDLAY

No Limiar do Etéreo	8.000

LEON DENIS

Cristianismo e Espiritismo	8$000
« « broc.	6.000
No Invisivel	12$000
« brochado	8.000
Depois da Morte	8$000
O Grande Enigma	6$000
« « brochado	4.000
Problema do Sêr e do Destino	12$000
Joana d'Arc Médium	10$000
O Além e a Sobrevivência	4$000
Catecismo Espírita	4$000
O Porquê da Vida	6$000

LEOPOLDO MACHADO

Julga, Leitor por ti mesmo...	4.000
Natal dos Cristãos Novos	4.000
Pigmeus contra gigantes	5$000
Guerra ao Farisaismo	2.000
Doutrina Inglória	5.000

LUIZ GASTIN

Livre Arbitrio e Determinismo	1.000

L. L. ZAMENHOF

Essência e futuro da Idéia da Lingua Internacional	4.000
Esperanto	5.000

LUIZ AUTUORI

Kardec ou Roustang	6.000
Miserere ! — romance	6.000

LEOPOLDO CIRNE

Anticristo—Senhor do Mundo	12.000

MANOEL ARÃO

O Claustro — romance	6.000

MARIANO R. D'ARAGONA

A Guerra	1$500

ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1941 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

DR. GABRIEL DELANNE
1857-1926

Gabriel Delanne foi um sábio cujo nome faz autoridade; escritor distinto e conferencista dos mais apreciados tanto no estrangeiro como na França.

Nascido em Paris, cursou o Liceu Charlemagne e, em seguida, a Escola Central, donde saíu com o seu diploma de engenheiro civil.

Durante 5 anos exerceu êste cargo na Companhia Popp, deixando-o para dedicar-se exclusivamente ao estudo e propaganda do Espiritismo.

Em 1897, Gabriel Delanne fundou a *Revue Scientifigue e Morale du Spiritisme;* seu primeiro livro foi entregue à publicidade em 1883. Dentre suas obras, quasi todas traduzidas em vários idiomas, nota-se: «A Alma é Imortal»; «O Espiritismo ante a Ciência»; «O Fenômeno Espírita»; «Investigações sôbre a Mediunidade»; «As aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos»; «A Reincarnação»; «Ouçamos os Mortos»; «Evolução Anímica».

Gabriel Delanne escreveu:

«...Penso que podemos resumir o movimento espírita no seguinte:

O que é o Espiritismo?—A demonstração experimental da existência da alma e de sua imortalidade por meio de manifestações dessa alma durante a vida e após a morte. Êstes fenômenos, tão velhos como a humanidade, despiram, em nossa época, o seu caráter misterioso ou sobrenatural para reentrar nos quadros ampliados da ciência experimental. Presentemente, as discussões metapsíquicas sôbre a natureza do princípio pensante perderam todo o interêsse. Nós necessitamos de experiências psíquicas cada vez mais precisas; e graças aos progressos das ciências físicas, atingimos o momento em que o estudo do mundo físico ajuntar-se-á ao do mundo da energia e do pensamento. Então a humanidade terá elementos certos para resolver os problemas da origem e do destino dos sêres e, com passo seguro, ela marchará na senda do aperfeiçoamento moral e intelectual, único meio que lhe assegurará a sua felicidade futura».

«...O Espiritismo tem sido objeto de desprêzo por parte de ignorantes e pessoas interessadas em sua destruição, mas, como êle se apoia sôbre factos naturais, derrotou seus detratores e, mais forte que nunca, êle caminha a conquistar o mundo intelectual. Como explicar seus progressos incessantes? E' que êle tem a investigação psíquica por método, aquela que emprega a observação e

a experiência, e sobretudo porque êle recruta seus adeptos entre pessoas positivas, ávidas de conhecimentos precisos sôbre o dia subsequente ao da morte.

Impotente é a filosofia para nos informar sôbre a natureza do princípio pensante e sôbre seu futuro; seus representantes mais célebres chegaram a conclusões diametralmente opostas sôbre esta questão fundamental. O espírito, que procura com imparcialidade, erra, desorientado, no inextricável dédalo das afirmações contraditórias, e, finalmente, termina no ceticismo, constatando a impotência dos que tentaram decifrar o enigma dos nossos destinos. As religiões fazem apêlo à fé para sustentar seus ensinos dogmáticos, mas como elas entre si diferem e pretendem igualmente representar a verdade absoluta, deixam na indicisão ao que procura. Quem, pois, nos dará a certeza da realidade da alma e nos dirá se ela é imortal? Não hesitamos responder que o Espiritismo resolve completamente êstes problemas. Êle utiliza a observação e a experiência para estabelecer que a alma existe durante a vida e sobrevive à destruição do corpo físico. E' por meio do emprêgo do método positivo que êle creou a verdadeira psicologia experimental, a que se baseia sôbre factos sempre controláveis quando as circunstâncias permanecem as mesmas. Eis que decorreu meio século (1) que esta ciência foi inovada, mas sómente ha vinte anos ela tomou o caráter rigoroso, ao qual êle deve a sua autoridade.

William Crookes foi, na Europa, o primeiro sábio que teve a coragem de verificar escrupulosamente as afirmações dos espíritos. Extremamente céptico, a princípio, êle foi conduzido, por suas investigações, à convicção de serem verdadeiros os fenômenos e não hesitou em proclamar altamente a certeza que resultou de sua pesquisa. Com a alta firmeza que dá a segurança de haver cientificamente constatado os factos novos, êle se tornou o campeão duma verdade impopular, mas indiscutível. A partir dêsse momento, foi imprimido o impulso e nada poderá jamais detê-lo. Russel Wallace, Lodge, Myers, Hodgson, seguiram-no na estrada aberta. Na Alemanha homens ilustres como Zölner, Webeer, Fechner, Ulrici, o Dr. Frieze, Karl du Prel, são conquistados; na Russia, Aksakof e Boutlerow; na Italia, são os intelectuais Fiuzi, o professor Falconer, o cavalheiro Chiaia, Broffério, Schiapparelli e enfim o ilustre Lombroso, que foi levado a confessar suas apreciações inexatas sôbre o novo fenômeno; em França é o Dr. Gibier, Charles Richet, De Rochas, Flammarion que constatam a mediunidade de Eusápia Paladino.

GABRIEL DELANNE

Por toda parte, as investigações estão na ordem do dia e a um homem inteligente já não é permitido impugnar *a priori* êsses factos, pertencentes outrora às superstições populares. Já não é à meia noite, no matagal deserto ou nos castelos em ruínas, que se mostram os fantasmas, mas é no laboratório do sábio que eles aparecem para submeter-se a todas as condições do mais rigoroso exame.

(1) *O autor escreveu em 1904.*

Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglêsa

«La Revue Spirite» — *Prof. E. Bozzano*

A dama de que se trata é Mrs. Philip Champion de Crespigny, Presidente *British College of Psychic Science*, compositora, pintora, romancista, poetisa, senhora de ciência, espiritualista, falecida em 1935.

Um ano antes a autora havia publicado a sua autobiografia, intitulada: «*This World and Beyond*» («Êste Mundo e o Além»), na qual ela relata, em estilo suave e brilhante, os acontecimentos de sua existência, assás movimentada durante sua juventude, porquanto ela acompanhava o pai às diferentes estações navais, a que êle era enviado em sua qualidade de almirante da frota britânica.

Sua inteligência variada e precoce, combinada a um temperamento meditativo, bem cedo a levara a duvidar de certos dogmas religiosos que ela julgava inconciliaveis com os conhecimentos científicos de nossa época. No decurso de sua primeira juventude, ela se dirigiu aos pastores anglicanos para obter esclarecimentos a êste respeito, mas dêsses conselheiros ela ouviu severas reprimendas; os artigos de fé deveriam ser segundo eles, admitidos sem discussão. Como a mesma ortodoxia intransigente dominava em seu ambiente, ela não poude insistir, mas tambem não poude impedir sua razão de se exercer no sentido interdito e sua conciência de revoltar-se contra a ordem de acreditar no que sua razão repelia como sendo absurdo. Do que resultou decorrerem sua juventude, e também parte de sua existência conjugal, em penoso estado de alma, resultante das perplexidades religiosas que a atormentavam. O sistema filosófico mecanicista de Herbert Spencer, o transformismo de Darwin, o materialismo de Huxley dominavam sua razão, graças às provas solidamente positivas sôbre as quais se fundavam, mas ao mesmo tempo, seu sentimento filosófico também se revoltava ao pensar que a existência impenetrável do Universo inteiro estivesse destinada a se extinguir e desaparecer no nada.

As teorias cosmogônicas do Oriente, reveladas no Ocidente pelo movimento teosófico, satisfaziam sua razão, mas não conseguiam convencer uma pessoa de sua mentalidade, incapaz de crer num ato de fé. Ela se insurgira contra afirmações desta sorte da ortodoxia cristã; ela também se revoltara contra as teorias da ortodoxia teosófica, que também não lhe permitiam resolver o mistério do sêr e o problema da existência do mal.

Foi nesse momento de penosa crise de conciência que ela encontrou, por simples acaso, o coronel Johnson. A conversação cai sôbre Espiritismo, pelo qual êle se interessava. Conhecendo o estado de alma de Madame Crespigny, o coronel se ofereceu conseguir para essa dama, uma sessão da célebre médium americana de «voz direta» Mrs. Etta Wriedt, que então se encontrava em Londres. Madame Crespigny escreve a êste respeito:

> O coronel Johnson ignorava toda minha vida passada, e jamais se encontrara com meu marido, falecido ha pouco tempo. Preciso acentuar que eu estava repleta de prevenção relativamente ao Espiritismo. Eu não tinha objeções sérias a opor, mas sentia grande aversão aos médiuns, que para mim significavam fraude, ilusionismo deleitado a uma multidão de gente crédula, pronta a deglutir tudo o que se lhe apresente . . .
>
> Estavamos no mês de Maio de 1914 . . .
>
> Eu me dirigi inteiramente só, a casa Mrs. Wriedt, em Wimbleton, sem revelar meu nome à médium.
>
> Etta Wriedt não caia em transe. Ela ficava assentada em sua cadeira, inteiramente conciente do que se passava, tomava parte na conversação; em seguida se lembrava de tudo o que se passara. Assim é que ela muitas vezes

falava por sua pròpria conta, mesmo quando uma «voz direta», falava a um dos assistentes.

Dessa vez, nós estavamos sós. A sala de sessões era grande, desguarnecida de móveis, exceto as cadeiras que ocupavamos e um sofá. Instalámo-nos defronte uma da outra, e entre nós havia uma distância de 5 a 6 pés (1 m. 50 a 1 m. 80); o porta-voz de alumínio foi colocado sôbre o soalho, entre nós duas.

Experimentei uma sensação de mau estar moral por achar-me sentada em completa obscuridade, a espera de algo indefinível. Mas logo que começaram a ressoar as «vozes», tudo se transformou como por encanto; o sentimento de inconveniência que me assaltara, devido à estranha situação em que me achava, desapareceu imediatamente.

Logo que se fez a obscuridade, eu senti que me tocavam em um joelho, ao mesmo tempo que Mrs. Wriedt comigo conversava do lugar que ocupava; um instante depois, falou-me uma voz através do porta-voz. Era voz sonora, perfeitamente audível em todos os pontos da sala. Verifiquei imediatamente que as habituais objeções da imaginação exaltada, de ilusão e de telepatia eram absurdas e insustentáveis, pois essa voz era bem objetiva e real; ela se fazia ouvir mesmo quando Mrs. Wriedt comigo conversava, sempre colocada no mesmo sítio. Fui mesmo obrigada a pedir silêncio para não perturbar a voz que falava.

Mrs. Wriedt afirmou estar percebendo o rosto daquele que se manifestava; ela me forneceu excelente descrição de meu falecido marido, «que envergava um uniforme com galões de ouro sôbre as mangas, e com dragonas reluzentes.» Ela acrescentou que — provavelmente para fazer-se reconhecer — êle fizera um giro de valsa (Efetivamente, nós dois eramos apaixonados pela dansa). Ao mesmo tempo, por meio do porta voz, eu ouvi assobiar, alguns compassos da valsa *Darchin*, que o defunto apreciava particularmente! Em seguida uma voz, evidentemente presa de grande excitação, chamou-me pelo meu nome, dizendo ser meu marido. Contudo, não reconheci nessa voz o timbre vocal que lhe era pròprio; não pude, pois, crer em sua presença real no local. Mais tarde conheci muitas coisas a êste respeito; mas é preciso não esquecer que se tratava de minha primeira sessão... De todo o modo, compreendi imediatamente que eu me achava em presença de um prodígio infinitamente superior ás invenções da locomotiva, dos aeroplanos e de todas as descobertas do gênio humano...

Essa «voz» continuou a dirigir-me perguntas e a responder as que eu lhe fazia; mas as respostas me pareciam vagas e insuficientes, visto que eu exigia provas incontestaveis, literalmente dicisivas...

Em seguida, manifestou-se outra voz... que se fez conhecer chamando meu marido por um nome que alguns membros de sua família eram os únicos a empregar; assim reconheci naquele que falava um de meus cunhados, morto quinze anos atrás... grande foi a minha surprêsa, porque jamais esperei que devesse manifestar-se, justamente aquele, durante uma sessão mediúnica... Êle disse:

«Jamais esperei encontrá-la aquí.»

Porque — respondi eu — As comunicações com o mundo espiritual sempre me pareceram um problema que seria resolvido no futuro.»

«Muito bem; mas você é o único membro de nossa família que tentou comunicar-se conosco.

Isto era verdade; mas do ponto de vista probante, poder-se-ia atribuir a exatidão da observação à simples coincidência. Contudo, êle prosseguiu lembrando-me uma festa, um baile de que nós dois participámos durante a nossa juventude, fazendo também alusão ás flôres que eu levei. Todas as circunstâncias eram verídicas. Êle terminou dizendo que meu marido lhe pedira que se manifestasse a mim, afim de me convencer que o primeiro que me falara era efetivamente meu marido...

Em seguida, intervieram outros visitantes, um dos quais não conheci em vida, mas que depois se tornou um liame precioso para minhas comunicações com o mundo espiritual. Afirmou chamar-se Florence Nightingale, e que ela me mostraria sua luz, que futuramente deveria representar o sinal de sua presença. Com efeito, vi aparecer um disco luminoso, cujas proporções eram as de uma lâmpada de bicicleta,

igual em brilho. Por diferentes vezes ela o agitou, quasi a tocar-me o rosto ; não pude resistir ao desejo de agarrá-la ; mas minha mão passou literalmente através do disco luminoso. Meu ato impulsivo fôra uma das insensatas e perigosas audácias, ordinariamente cometidas por principiantes cépticos ; mas certamente não as repetirei.

De todo o modo, e a despeito das maravilhas que presenciei, não desapareceu o fundo de ceptismo que me dominava ; parti não satisfeita, concluindo que nada se produzira de absolutamente convincente, do ponto de vista espiritualista, e que, pelo contrário, constatei um grave êrro, nos dizeres de meu suposto marido. Com efeito em certo momento êle dissera : «Eu te agradeço pelas flôres». Querendo pô-lo à prova, eu respondi por esta pergunta insidiosa : «Queres falar das flôres que depositei sôbre tua sepultura ?» Pareceu-me que êle respondeu afirmativamente : ora a verdade é que nada disso acontecera.

No dia seguinte Mrs. Crespigny, se encontrou imersa num mar de perplexidade insolúveis ; de um lado ela pensava no êrro em que parecia ter caido a personalidade que se comunicava, e no timbre vocal com que se exprimiu, e que não fôra reconhecido ; de outro lado, ela recordava o facto inesplicável do compasso da valsa favorita do falecido, que ela ouvira assim como as informações verídicas fornecidas pelo cunhado e referentes aos acontecimentos de sua juventude.

(Continua)

Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— VI —

AS informações constantes dêste rabisco foram-me fornecidas por duas sonâmbulas com quem fiz exercícios ha algum tempo.

No decorrer do ano de 1911, em Belo Horizonte, um serralheiro queixou-se de ouvir ruídos noturnos em suas oficinas, não deixando dormir os filhos que alí pernoitavam num quarto. Acendidas as lampadas elétricas, à luz da claridade cessava o barulho. Deliberei passar algumas horas da noite na oficina, acompanhado dos filhos do serralheiro entre os quais indubitavelmente estava o médium de efeitos físicos, que eu pretendia descobrir. Embora nos conservamos na escuridão, durante mais de duas horas das 7 ás 10 por três noites, nada percebemos, visto como o Espírito perturbador, ao ver-me, suspendia perspicazmente a desordem. Bem que eu o suspeitava de antemão. E mal eu me retirava recrudescia o arrastar de ferros num pandemônio assustador. Claro que entreguei ao tempo a cessação dos distúrbios até que a breve trecho, consultando a sonâmbula sôbre as nossas atividades noturnas, como era de hábito indagar, foi-me respondido que numa dessas excursões haviamos estado, o Teixeira, o Felipe e eu, em casa do Mucelli (o serralheiro) a doutrinar os Espíritos brincalhões que ali andavam a produzir mêdo, aproveitando-se da faculdade do filho mais velho daquele senhor. Indo logo indagar da verdade, soube que realmente desde alguns dias os fenômenos haviam cessado.

Muitos anos depois, já na Capital Federal, tive ocasião de encontrar uma sonâmbula nativa com quem pude realizar algumas experiências de relativo êxito.

Em dado momento desejei uma informação possível de resposta, fornecida por algum dos bons Espíritos, a nós ambos durante a noite, de vez que se tratava de assunto facil de

me orientar e que não envolvia segredo interdito ao meu conhecimento terreno. Dias depois, retornando aos exercícios, perguntei à sonâmbula se haviamos obtido alguma solução ao que lhe confiara. Respondeu-me que nada puderamos fazer na noite prefixada porque passámos ambos a desviar de nossos lares alguns Espíritos perturbadores da nossa tranquilidade. Insistindo pela consulta depois, mandou-me o Guia dizer que só algum tempo após poderia dar-me a informação solicitada.

Neste episódio de agora não se trata de informações pelo sonho, mas de uma vidência interessante, que me convenceu da influência moral e do poder da vontade que desfrutamos sempre que pusermos os nossos esforços a serviço do amor ao próximo.

Andava eu a doutrinar um Espírito rebelde e perturbador do lar de um companheiro de trabalho, tendo por vidente a filha dêle. Mais de uma vez o Espírito me ludibriara afirmando que se retiraria sem todavia cumprir a sua promessa. A vidente acusou a presença dêle alí, comunicando-me que as perturbações continuavam. Assumindo uma atitude quixotesca disse-lhe abruptamente: Vou amarrar-te num saco. Palavras não eram ditas e a vidente larga-se a rir gostosamente. Pergunto-lhe de que se ri. E' que, diz-me ela, logo que deste aquela ordem vi um saco de aniagem amarrado como se contivesse um porquinho a dar saltos no chão. Os saltos continuavam assim como as rizadas da moça.

Sendo infenso a violências, mandei logo contra ordem ao Espírito, que saiu encalistrado, e confesso que me arrependi da falta de caridade. Não levou muito tempo para que o desordeiro entrasse no bom caminho, já então temeroso do meu poder sôbre êle. A lição lhe fôra proveitosa e não me deixou remorsos uma vez que é uma das obras de misericórdia castigar os que erram.

Todavia, quando se retirou regenerado não deixei de lhe pedir perdão de o haver maguado com aquela violência imprópria de quem deve usar indistintamente de piedade.

Entretanto, quando tenho doutrinado outros Espíritos malévolos, ameaço-os com abismos e outros horrores e o certo é que eles se apavoram, recuam e chamam-me feiticeiro.

Concluo que são os meus Guias, que, querendo prestigiar-me e sobretudo auxiliar-me na conversão, cream fluidicamente essas imagens temerosas, se é que não sejamos nós, sob o império da vontade, que as creamos no ambiente. O caso do saco a dar saltos, leva-me a esta última suposição.

Que a vontade exerce um papel importantissimo nesses problemas direi na próxima vez o que se passou numa das mais belas manifestações por mim assistidas.

A confusão religiosa é a mais espêssa escuridão que infelicita as almas. A crença é como o fruto da videira que alimenta, encoraja e vivifica. Assim como êste alimenta o corpo, aquela alimenta a alma.

A Religião de Jesus Cristo não é o culto, as exterioridades, os sacramentos, a fé cega; também não é o fogo que aniquila e consome, o mal que vence o bem, o diabo que vence a Deus.

A Religião de Jesus Cristo é o bálsamo que suaviza, é a caridade que consola, é o perdão que redime, é a luz que ilumina; não é o aniquilamento, mas a Vida, não é o corpo, mas sim o Espírito.

A Religião de Jesus Cristo deve, pois, ser ministrada em espírito e verdade e *não em* dogmas e *com* exterioridades aparatosas, *para poder ser pelo espírito compreendida, observada, praticada.*

O corpo é nada; o espírito é tudo. O corpo existe porque o espírito o aciona, o vivifica e o movimenta.

CAIRBAR.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXIII —

O Homo Sapiens e seus irmãos menores

O homem tem mais inteligência de que os outros animais,embora seja, na escala zoológica, um animal, dizem-no sábios materialistas. Donde, o *homo sapiens*, de Lineu, a classificar, a seu talante, a espécie animal, negando inteligência, raciocínio e conciência, a seus irmãos menores.

No homem, revela-se, progressiva, a inteligência. E essa inteligência progressiva leva-o a superar as outras espécies. Ai de nós, se assim não fosse, visto como, sob o ponto de vista da força puramente física, o homem não se iguala ao boi, ao gerico, ao cavalo. E' inferior e, materialmente falando, vale muito menos. Tivesse o cavalo e o boi a inteligência progressiva do homem, de que derive o raciocínio como o entendemos, e seria o boi, se fosse carnívoro e egoista como nós, que levaria o homem ao matadouro, e seria o cavalo que montaria em nós, visto como não poderiamos, ainda que se tratasse de um *boxer* de glória mundial, medir forças com o cavalo e o boi. Temos, assim, não ha negar, a inteligência mais desenvolvida do que os animais, embora isto não implique ausência absoluta de inteligência nas outras espécies zoológicas. Pois, se até entre os homens da mesma raça e até da mesma família, a inteligência anda a variar, como varia entre o cão e a lebre, o gato e o rato! E' a inteligência, não ha negar, que, muito mais do que a palavra e a nossa verticalidade de andar, distingue o homem dos outros animais. Essa distinção não deve, porém, envaidecê-lo a ponto de o homem julgar-se o rei da criação, o sêr perfeitissimo na escala zoológica, a exercer sôbre os outros animais um poder tirânico, a negar-lhes o direito de ter alma, de raciocinar, de não ter sensibilidade. A conferir-se, arbitrariamente, o direito de sacrificá-los ás necessidades pantagruélicas, de seu estômago, aos esportes de mau gosto da caça, do tiro aos pombos, a suas guerras, a seus experimentos científicos de natureza a beneficiar ao próprio homem, sómente...

Os animais não teem, é óbvio, o desenvolvimento intelectual progressivo do homem. As moradias feitas, hoje, pelo castor e o *joão-de-barro* são exatamente iguais ás que faziam ha milênios. Sua arquitetura não acompanha o rítimo evolutivo da do homem. Mas, se o *joão-de-barro* e o *castor* não evoluiram no preparo de uma habitação melhor, também não evoluiram para o mal, como o homem. A arte modernissima de matar é uma prova desta evolução, que é, sob o ponto de vista moral, uma verdadeira involução. «Os animais que agem por instinto», são, neste passo, bem menos irracionais do que o homem que pratica, racionalmente, o mal; que engendra, até em nome de Deus, guerras fratricidas. De mãos postas, e joelhos em terra, e olhos para o Alto, o sr. Hitler deu graças a Deus por ser o escolhido para, na guerra atual, dar cabo dos ingleses. Socrates dizia que se o homem passasse em revista, ao morrer, sua vida, veria que andou fazendo mais mal do que bem. Pessimismo do filósofo grego? O Cristianismo que aí está, ha vinte séculos, sem ser, ainda, sentido e praticado; as guerras e a maldade humana disseminadas por toda parte, abonam o asserto socrático. A inteligência do animal se não è, como a nossa, evolutiva, conserva suas caraterísticas próprias, sem dar idéia de que involue, como a nossa, para o mal.

Ha nos animais, não tenhamos dúvida, inteligência, raciocínio, alma, atestam-no, a cada passo, os factos. E' certo que pouco sabemos disto ainda. Pudera! Pois se o homem, ainda o mais sábio, pouco sabe destas coisas em si mesmo! A respeito dos animais, a ciência humana só tem levado a sério os meios de sua engorda, de sua reprodução maior, de sua melhoria de qualidade, para proveito do próprio homem. E, também, os meios de torturá-los mais, com sua vivisseção, experiências soroterápicas e caçadas! E devora-os, e tortura-os *racionalmente*, a proclamar que «os animais teem apenas instinto». Donde concluir-se que o instinto animal não merece o mesmo respeito de-

vido ao raciocínio humano... dado que existisse mesmo êste respeito! Pascal escreveu era perigoso para o homem fazer um estudo seu, comparado aos irracionais, sem primeiro salientar a grandeza humana. E ainda mais perigoso: salientar essa grandeza, sem mencionar suas baixezas... Analisando-se, a frio, o trato que o *homem* confere aos animais sob o seu domínio, e sua *gratidão* por aqueles que lhe são úteis, vê-se de que volume são suas baixezas. Basta que se analise, superficialmente, o esporte ultra-elegante do tiro aos pombos! O animal que mata o homem na instintiva defesa, para, cheio de fome, devorá-lo, comete uma ferocidade que apavora! O homem que ataca a fera e, com o estômago cheio, mata-a habilmente, é um heroi digno de admiração, que realizou um altissimo esporte!

Voltemos, porém, ao instinto animal e ao raciocínio do homem. Em que consiste o instinto? Num «confronto de faculdades intelectivas, especiais, comum em todos os animais». As mesmas faculdades especiais, intelectivas, no homem, dá-se o nome de razão, de raciocínio, de conciência. Conciência, e raciocínio, e razão que não admitimos existam no animal. Mas, existem, pese isto, embora, a nosso orgulho. Os animais tem inteligência, e raciocínio, e alma. E, mais do que o homem, algumas virtudes nobilitantes. Até *mediunidades!*

O velho gamo, que La Fontaine testemunhou a correr à frente de caçadores, até meter-se numa toca, de que fez sair um gamo novo, expondo-o aos caçadores e tomando-lhe, para livrar-se de morrer, o lugar na toca, será revelação apenas de instinto? Até parece uma revelação de raciocínio e egoismo bem humanos! O cavalo, que, segundo Delane, no *zoo* londrino, passou, com o focinho, feno ao cavalo cego que, ao seu lado, tateava à procura de alimento, revela, porventura, instinto sómente? Não é para se vêr aquí, ao contrário do velho gamo de La Fontaine, um racionalissimo sentimento de solidariedade digna da espécie humana? Um amigo nosso tinha um cão policial, que só vivia na corrente. Descobriu, uma feita, o meio de livrar-se da coleira, na ausência do dono. Fazia-o para espojar-se na areia e andar à guisa de uma criança travessa abusando da liberdade. Assim que o dono estava para chegar, voltava a enfiar o pescoço, novamente, à coleira, e ficava quieto, esperando-o. Instinto, sómente, isto? Um recorte do *Diario de Notícias* da semana em curso põe-nos ao corrente dos fenômenos de aparições de espíritos que se vão repetindo em Londres. De mistura à aparições de espíritos humanos, são vistos os de cães, gatos, cavalos, bois, etc. Henry Matheuillot, em belo estudo sôbre a mediunidade dos animais, apresenta fenômenos importantissimos a respeito. Quando foi do assassínio do ator Perris, seu cão, em companhia da esposa e filhos do morto, que o aguardavam para o jantar, salta a ladrar e a morder, inesperadamente, um inimigo invisível, no momento exato do assassínio. As prôvas do mundo psíquico animal, mais ou menos idêntico ao nosso, são inúmeras...

Existiu em Paris um instituto para o estudo da psicologia animal, fundado por um naturalista: o *Instituto de Psicologia Zoológica.* Surpreendentes estudos de caráter puramente animal aí foram realizados, até entre peixes. E dêsses estudos, o homem, sob o ponto de vista puramente animal, leva grande desvantagens. Os animais saem deles melhormente aquinhoados quanto aos sentidos corporais e quanto à posse de algumas virtudes pouco assimiladas ainda, pelo homem. Melhor memória, sentido premonitório mais apurado das coisas. Hachet Souplet, o naturalista fundador do instituto, chegou a retirar rãs e sapos de seus poços e levá-los a grandes distâncias, verificando que, apenas soltos, voltaram em linha reta ao charco habitual. A um rato dágua, a que vendara os olhos, viu Souplet que, mesmo assim, soubera voltar a seu poço.

Estamos em que, quando a ciência se preocupar com o estudo do animal por amor ao conhecimento perfeito de sua vida e de sua alma, por certo que um mundo diferente e desconhecido se lhe desvendará. Um mundo novo a estudar, em que pese o asserto de que nada de novo existe à face da Terra. Um novo mundo a estudar, repetimos, pois que o próprio Evangelho e a codificação de Allan Kardec dêle não curam suficientemente. E para nós, espiritistas, são os Evangelhos e a codificação kardecista as duas maiores autoridades em assuntos de tal monta. Ora, se o Cristo não disse tudo (João XVI-12) e se Allan Kardec deixou sua missão por

terminar... Aí está, porém, a 3.ª Revelação, feita o Espírito de Verdade prometido pelo Cristo, que veio, a seu tempo, revelar o que faltou ser revelado e explicar o que, veladamente, foi dito. Procuremos, pois, através do espírito da 3.º Revelação, compreender o mundo animal, e certo que concluiremos existe encarnada em nossos irmãos inferiores, como diria Francisco de Assis, uma alma que talvez viesse de mais longe, da pedra bruta, depois de, materialmente, encarnar a forma humana, à posição de anjo.

Tudo no Universo se entrosa, porque a obra de Deus é uniforme e, uniformemente, demanda a perfeição. A vida animal ha de, por certo, entrosar-se na vida humana, como esta na existência dos anjos. Eis o evolucionismo.

Estamos em que a revelação espírita ha de fazer, hialinamente, luz à entrosagem aí em cita. Nunca podemos, de nossa parte, compreender, — nem mesmo à luz forte e sempre bela do Espiritismo, — porque os animais sofrem tanto ás mãos do homem, contribuindo para a nossa alimentação, sendo imolados nas guerras que armamos, objetivando muitos esportes grosseirissimos do homem, alvejando experiências científicas torturantes que aproveitam sómente aos homens! E porque muitos passam por males e torturas comuns aos homens. Ora, se sofrimento de hoje é uma revelação das culpas que, concientemente, cometeramos no passado, importa dizer que, se os animais sofrem como os homens e são vítimas ás mãos dos homens ?... Aquí, só fica bem, por enquanto, uma interrogação. Mas, um ponto de interrogação sem poder, para nós, de invalidar a existência da alma, do raciocínio e da inteligência nos animais inferiores...

Provas da Sobrevivência

J. B. Chagas

— I —

S mortos vivem! E' uma verdade incontestável, que muito embora a má vontade dos negativistas à *priori*, vai conquistando todas as conciências. Assim, a imortalidade da alma já não é mais um tema sujeito a discussões, porque passou a ser coisa corriqueira.

Formam falanges os sábios de renome mundial que estudaram o fenômeno, dando o seu testemunho sincero, todos naturalmente escudados pelo conselho de Camile Flamarion — «Nada neguemos. Estabeleçamos os fatos. Examinemos com imparcialidade» ou nêstes outros constantes de *Les Paroles du Bouddha* (edição Salet): — «Não acrediteis fiando-vos nas tradições. Nada acrediteis fiando-vos nos vossos maiores ou nos vossos instrutores. Porém aquilo que tiverdes experimentado vós mesmos e tiverdes reconhecido como verdadeiro, isso sim, aceitai-o».

Os que mais têm concorrido para o estabelecimento desta verdade, no entanto, são os que nós, impropriamente, apelidamos de mortos, no dizer de Flamarion. São êles próprios que, em chegando ao outro lado da vida, teem pressa em vir dizer-nos que não morreram, que conservaram, no chamado além túmulo, a sua personalidade, apenas sem o pesado fardo da carne, e que através do seu invólucro perispiritaI, continuaram na posse de todas as suas aquisições terrenas.

Camilo Flamarion, a quem aludimos linhas acima, com o seu espírito de sincero e perspicaz observador, alinhou pacientemente no terceiro volume da sua maravilhosa obra — A MORTE E SEU MISTÉRIO — inúmeros casos, todos devidamente autenticados e comprovados, de pessoas, conforme se diz, mortas, que voltaram, com maior ou menor intervalo, de além campa, para resolver casos íntimos e pessoais; pedirem missas prometidas e não realizadas ou resolverem casos relacionados com o estado ou local onde sepultaram os seus cadáveres, etc. De outras vezes, quando possuem alguma virtude ou

elevação espiritual, move-lhes o desejo de nos auxiliar, valendo-se de meios e modos ao seu alcance.

Para conhecimento dos que porventura nos lêem, vamos transcrever, por hoje, dois casos citados por Flamarion, na obra referida, onde no primeiro fica patenteado o desejo do *morto* ou melhor da *morta*, de zelar pela vida dos filhos que ficaram do lado de cá, e o outro é o desejo manifesto de um criador de gado, desencarnado em circunstâncias acidentais, no sentido de ser dada sepultura condigna ao seu cadáver.

Vejamos o primeiro:

— «*Leadbeater*, na sua obra «*L'autre côté de la mort*» — pag. 221 — diz Flamarion — assinala um caso notável da aparição de uma mãe a seus filhos para salvá-los de um perigo iminente, que é o que se segue: O Dr. *John Mason Neali* conta que um homem que acabava de perder a mulher fôra convidado a ir com seus filhinhos passar algum tempo na roça em casa de um amigo. Era uma casa vasta e no seu pavimento inferior havia corredores compridos e sombrios onde as crianças se compraziam a brincar e a correr. Um dia, entretanto, subiram muito sérios ao primeiro andar junto dos parentes a quem dois dêles explicaram que quando estavam a correr num dos corredores, a mãe lhes aparecera, dizendo-lhes que não fossem para diante e voltassem para trás, tendo desaparecido depois de lhes dar esta ordem. Buscas foram feitas e verificou-se que, se as crianças se tivessem adiantado um pouco mais nêste corredor, teriam caído num poço aberto; a mãe, por conseguinte, salvára-os de uma morte certa.

Êste exemplo prova, escreve *Leadbeater*, que a mãe havia conservado «mesmo no plano astral» o o hábito de velar por seus filhos com solicitude e que, como tem acontecido em diversos casos, seu desejo intenso de protegê-los contra o perigo iminente em que estavam, déra-lhe um instante o poder de se tornar visível para sugerir-lhes a idéia de que a viam e ouviam. É também, possível, acrescenta êle, que o auxílio tenha sido trazido por outra entidade aparentando a forma familiar da mãe para não assustar as crianças; mas a hipótese mais simples e com certeza mais provavel é que esta intervenção foi devida ao amor materno sempre vigilante e persistente, mesmo depois de ter passado através das portas da sepultura».

O outro, como acima dissemos, é a manifestação de um *morto*, vitimado em circunstâncias acidentais, que procurou transmitir a um amigo e sócio um desejo, indicando o local onde havia sido assassinado pelos salteadores, como que lhe pedindo desse sepultura condigna ao seu cadáver, fato êste que é também assinalado pelo *Dr. Lee*, na sua obra «*Glimpses of the super natural*» — pag. 61 do 2.º volume e que igualmente consta da de *Leadbeater*, já citada.

Ei-lo:

— «Dois criadores de gado, tendo feito sociedade, deixaram a Inglaterra para emigrar na Austrália, onde não demoraram em se tornarem possuidores de uma propriedade considerável. De repente um dos sócios desapareceu sem que fôsse possível descobri-lo. Uma noite, cêrca de três semanas depois, o sócio sobrevivente voltava para sua choupana por um trilho costeando um banhado profundo. As sombras do crepúsculo aumentavam e o sol poente sumia-se atrás dos grandes arbustos, dos espinheiros espêssos e das pastagens viçosas que crescem rapidamente naquele país. Subitamente avista a forma do seu sócio, tão real e tão viva como dantes, sentada no chão, á beira do açude, o braço esquerdo dobrado e encostado ao joelho. Ia precipitar-se para o amigo e falar-lhe mas a forma pareceu apagar-se e o rosto, de côr cinzenta, teve uma expressão de tristeza e de melancolia que lhe não era habitual; parou então. A forma tornou-se de novo visível; levantou o braço e com o dedo indicador da mão direita designou um buraco fundo onde a água parecia calma, porém negra e situado sob uma árvore cujos galhos pendiam sôbre o açude. Repetiu êste gesto duas vezes com modo decidido, depois a forma diminuiu pouco a pou-

co e desapareceu completamente. No dia seguinte, de manhã, dragaram o açude e o corpo do sócio desaparecido foi descoberto no próprio lugar que o fantasma indicara e enterraram-no então de modo conveniente. Uma grande pedra estava amarrada ao corpo e um machado foi encontrado no mesmo lugar, sem dúvida a arma que servira ao assassino para cometer o seu crime. Ao demais, foi reconhecido o machado como pertencendo a um aventureiro que foi acusado e preso. Como fossem achados com êle documentos importantes pertencentes à vítima, teve que confessar seu crime, sendo executado».

Prosseguiremos.

INIMIGOS DO ESPIRITISMO

DR. IGNACIO FERREIRA — *Ao Espírito amigo de Bitencourt Sampaio*

(*Conclusão*)

Estavamos fazendo os últimos retoques nestas linhas, quando tivemos a visita de um confrade, recem-chegado da Baía, trazendo a sua esposa para ser internada no Sanatório onde trabalhamos.

Segundo sua própria confissão honesta, seguindo conselhos de *espíritas*, já havia levado a enfêrma até mesmo a um trabalho de macumba, na Baía, no afan de minorar os sofrimentos da companheira que ha 4 anos vinha sendo submetida a todos os tratamentos médicos.

Internada, já no dia seguinte sabiamos estar ela sob a ação de uma entidade terrível que havia, nesses 4 anos de atuação, prejudicado bastante seu organismo.

Tinhamos esperança no restabelecimento do seu desequilíbrio mental e por isso, era grande a nossa satisfação em compensar o sacrifício ingente do esposo, que de tão longe viéra à nossa procura.

Dois dias, após, recebemos a visita de um senhor, trazendo uma carta de apresentação de um grande amigo residente em uma cidade vizinha.

Bem apessoado, prosa fácil, entabolámos conversa e em pouco o assunto girava em torno do Espiritismo — pois, dizia êle, era médium possuidor de todas as qualidades—vidência, incorporação, psicografia e intuição, mormente esta última, da qual se aproveitava como prégador da doutrina.

Meia hora depois, tinhamos sôbre êle, o nosso juizo formado—*fanático vaidoso.*

Aproveitando o assunto para o nosso estudo, fizemos questão de que participasse dos nossos trabalhos—era digno de ser observado pois se mostrava exemplar típico para a conclusão das afirmativas expendidas neste ligeiro trabalho.

Dando início à nossa investigação, fomos ao Sanatório durante o dia e lá, êle frisou, de antemão, que desejava dar, de pronto, todos os diagnósticos.

Corremos os doentes, um por um, e ouvimos dêle e do seu *guia*, os maiores absurdos e os maiores disparates.

Junto á enfêrma da Baía, concentrou-se e após algumas reflexões, sentenciosamente, exclamou: —

O senhor deseja curar esta senhora? Pois bem, o único meio, é desgalhar — note bem — desgalhar e não cortar—uma vara de marmelo, passá-la pelo fogo e, junto a enfêrma, vergastar o ar ambiente para cortar e dispersar os fluidos impuros que a envolvem...

Era digno do nosso estudo, motivo pelo qual não ouviu palavras de repulsa, verberando os seus conselhos de macumba ou de feitiçaria...

Tinhamos necessidade da sua pessoa, que se prestava otimamente para exemplificar êste trabalho. Por isto, à noite, após a sessão costumeira, propositalmente reunimos, em torno dêle, alguns amigos, inclusive o esposo da paciente, que lhe apresentámos, e procurámos fazer com que discorresse sôbre os factos que a sua *esplendida vidência* havia constatado durante os trabalhos, para isso tocando o seu ponto sensível — a vaidade.

Tiradas da nossa imaginação, formu-

lámos as figuras mais grotescas possíveis, pelas vestes e pelos defeitos físicos e tudo êle confirmava ter visto e estar vendo, ainda, confirmando os nomes por nós arquitetados por estar, no momento, dizia, recebendo confirmação das entidades que iamos criando propositalmente e lhe transmitindo os respectivos caraterísticos...

Alguns amigos, percebendo os absurdos que inventavamos e a confirmação respetiva pelo pseudo-vidente, foram se retirando, aos poucos, pois não podiam conter as gargalhadas prestes a arrebentar...

Outros que não o conheciam e que, pela primeira vez, frequentavam os nossos trabalhos, bebiam avidamente, as suas palavras, e ouvindo as suas confirmações se mostravam ansiosos por mais detalhes, com os quais enriquecia as figuras grotescas que formavamos, sem perceber em tudo isso a investigação que faziamos para confirmar a nossa impressão a respeito das suas notáveis qualidades.

Continuando com a nossa observação maldosa, natural em quem investiga e estuda, fizemos com que voltasse para a sua pensão em companhia do esposo da nossa paciente, na certeza de que mais alguma cousa resultaria da palestra de ambos.

Uma hora após, às 21 horas, postámo-nos à porta do hotel onde se hospedava o marido da enfêrma.

Nossa impaciência, natural e justa, foi logo satisfeita, pois nosso amigo voltava da pensão onde se hospedara o *famoso médium*. Contamos-lhe o resultado da nossa experiência, momentos antes por êle assistida, com o propósito de desmascarar o grande vidente e não lhe ocultámos a nossa maldade, fazendo com que voltasse só, em companhia dêle. Esperavamos algo de sensacional e lhe pedimos o relato fiél do sucedido durante aquele lapso de tempo...

Entre admirado com a nossa paciente investigação, surpreso pelo resultado e revoltado com o que se havia passado depois, assim se referiu : —

«Ao voltarmos da sessão, convidou-me para ir até a pensão onde estava hospedado. Lá, após falar sôbre os trabalhos a que assistira, bordando mais ainda as suas vidências, disse-me que só havia um meio para obter a cura da minha senhora : — comprasse um martelo virgem, com o cabo preto e com êle partisse um pequeno pedaço de marmore do altar de uma Igreja qualquer, altar onde estivesse colocado o cálice da sagração.

Em seguida, amarrasse em um pedaço de veludo azul a partícula de mármore obtido e o colocasse no pescoço de minha senhora.

O martelo, devia atirá-lo nágua de forma que ninguém dele pudesse mais utilizar-se...»

Terminou o seu relato, exclamando : — «Dr., êsse homem queria era me botar na cadêia, pois, como poderia obter tal pedaço de mármore, sem atrair a atenção de alguem ?»

—

Entre dezenas de casos que poderiamos apresentar como reforço para demonstrar a veracidade e a razão da nossa tese, contentamo-nos com êste, sucedido justamente no dia em que os últimos retoques eram feitos para estas páginas.

Sabemos que esta pessoa, êste pseudo-médium possuidor de tantas qualidades mediúnicas, tem feito conferências por todas as cidades por que tem passado, recebendo toda a consideração por parte dos espíritas, que lhe oferecem a presidência dos trabalhos nos centros que procura e, peor do que isso, consegue atrair, em torno da sua pessoa, um círculo imenso de espíritas e profanos para lhes contar, nas salas de hoteis e pensões, os resultados da sua pseudo-vidência, das suas pseudo-incorporações, tudo mentira, tudo falsidade, tudo hipocrisia, tintas com as quais procura dar côr e vida às fantasias criadas pela sua imaginação !

O Espiritismo não admite essas tolices só existentes no cérebro de macumbeiros e exploradores. Além de as não admitir, condena o uso dessas práticas, por indignas e sem valor.

Guardai-vos dos falsos profetas, que veem a vós vestidos de ovelhas, e dentro são lobos devoradores...

Guardai-vos dos falsos Cristos, como o dêste exemplo, porque eles se revelam através de suas obras e de seus conselhos.

Guardai-vos dos fanáticos que querem fazer do Espiritismo uma fonte de milagres, quando êle — uma ciência profunda, divina, digna de sêr estudada e

digna de ser seguida, porém não derrogadora das leis divinas, que a tanto se arrogam as religiões e ritos *milagreiros*...

O Evangelho espírita, repositório dos ensinamentos da doutrina, aí está por todos os lados. Suas páginas estão repletas de ensinamentos dignos através das quais é fácil distinguir o verdadeiro espírita e os falsos profetas, os falsos Cristos, os macumbeiros e os fanáticos...

Devemos estar de olhar atento e atenção despertada para que possamos defender a doutrina contra as investidas dêstes elementos que procuram desmoralizá-la, quando ela só merece respeito e engrandecimento...

Todo o cuidado é pouco e toda a vigilância jamais será demasiada!

Sôbre a Superstição

Dr. Carlos Imbassahy

(Continuação)

Pensa de Vesme que os factos metagnômicos ou paranormais verificados em toda a face da terra são um penhor de sua autenticidade. Diz êle :

> *«Si nous constatons, par exemple, que dans les traditions de tous les peuples il y a des cas de «Resurrection», de guérissons miraculeuses, d'apparitions de fantômes, nous pouvons dire avec certitude qu'un fait se trouve a la base de ces croyances.»* (13)

Êsse prelúdio tem apenas em mira justificar muitas das crenças do nosso povo.

Ha uma tendência geral para subordinar tudo, mas absolutamente tudo, à crendice, sem se verificar ou sem se procurar investigar a base objetiva que tal crendice possa ter, quando, como bem ensina Flammarion, «vivemos num mundo inexplorado, onde as forças psíquicas gozam um papel ainda insuficientemente observado.» (14)

Como já observava Grove, nota-se a tendência de filiar os fenômenos a qualquer outro já conhecido ou observado.

Ora, quando aparece um fenômeno, sem que se lhe descubra aquela filiação, ou se lhe note uma relação com outros, o comum é negá-los. O curial, entretanto, sería conservar o meio termo entre a afirmação e a negação, conforme aconselha a prudência científica.

Os observadores dos costumes, usos, ritos, crenças e religiões do nosso povo admitem, quasi sem exceção, ou com muito poucas, que todos eles derivam de uma mentalidade inferior.

Todo êsse ritual da macumba, que vamos encontrar, tanto nas capitais e cidades litorâneas como no interior, diz-se, é o produto do atraso da raça, o sinal da inferioridade dos íncolas. Assim, o curandeirismo nada mais sería que o resultado, ou da ignorância, ou da velhacaria.

Quando entre pretos, e mesmo entre brancos, se verificava o que chamavam *mutu guá Cariapemba*, ou seja a entrada de uma espécie de espírito máu ou demônio — *Cariapemba, Exú*, — no corpo do paciente, o que era muito comum entre os escravos, tinha-se o facto como grosseira superstição, originada das selvas africanas e abrolhado no terreno fértil da ignorância indígena.

O curandeirismo, entretanto, vem preocupando médicos e cientistas, os quais não duvidam da realidade das curas e só divergem das suas prováveis causas.

O fenômeno da incorporação, da entrada de espíritos, gênios, demônios, ou que nome tenham, em corpos humanos, ou a sua influência, como sucedia com o demônio de Socrates, é facto verificado, ou pelo menos assegurado, por vários indivíduos, entre vários povos e em várias épocas.

Ainda, agora, nos paises civilizados, estuda-se o caso, tendo os experimentadores, como certa, a sua supranormalidade. Mesmo que não existisse ou não exista essa certeza, já não podemos encarar como de exclusividade africana o que é observável em várias regiões do globo.

Cumpre acrescentar, a bem da verdade, que ha entre nós, no que tóca a ri-

tos, crenças e religiões, uma certa mistura, espécie de amálgama formado de variadas crenças religiosas.

Formada a nacionalidade pelo índio nativo, pelo preto escravo e pelo português conquistador, cada um deles trouxe o seu contingente para a mistura.

Ha quem diga que a introdução ou o aproveitamento da religião de Roma em certos meios tem por fim atrair os incautos. Não ha tal. A mescla se deu muito naturalmente e é geralmente compreensível. Trata-se de um processo comum, onde ha variedade do quer que seja. E assim vemos, muitas vezes, combinados o ceremonial católico, o ritual africano e a prática indígena.

Muitas entidades de origem *bantu* ou de outras tomam os nomes de santos do catolicismo: *Zambe* é Nosso Senhor do Bomfim, *Ogun* é S. Jorge, *Xangô* é S. Jeronimo; *Yemanjá* é N. S. da Conceição; *Ibejá* é S. Cosme; *Nanamburuque*, Santa Ana. Nas suas sessões ha os defumadores como os da Igreja, além de talismans, fetiches e quimbembeques vários.

Mas, através das práticas confusas, das dansas e exercícios exóticos, das cerimônias ridículas, vamos encontrar alí algo de misterioso e surpreendente, como os feitiços, a terapêutica, o diagnóstico e demais fenômenos, incluidos, com ou sem razão, entre as superstições.

Uma delas é o chamado «despacho». O feiticeiro vai colocar numa encruzilhada um embrulho, dentro do qual se encontram galinhas mortas, moedas de cobre, farófa de azeite de dendê, garrafa com paratí, sapos, vivos ou mortos, etc. e tal. Os ingredientes variam conforme o que se tem em mira.

O despacho visa sempre um malefício. Eu poderia contar um caso de um moleque que vi dar um ponta pé num dêsses despachos, e ao qual apareceu uma ferida insarável, se não pudessemos admitir aí a coincidência. Mas o escritor De Vesme, autor da História do Espiritualismo, não se pejou de encher muitas páginas do seu livro com casos de feitiço, declarando que *«on peut aisement admettre que cette croyance est parfois,—oh, bien rarement — justifiée par les résultats de l'operation»*. (15).

A prática da feitiçaria merece nossa atenção, já dizia Schopenhauer. (16).

David Unaipon declarou, numa conferência, que a feitiçaria tem matado mais australianos aborígenes, que o álcool. (17).

Conta a senhorita Warner, que um inglês, certa vez, batera num indígena que maltratara a mulher. Êste retirou-se, prometendo vingar-se. Poucos dias depois o inglês adoeceu e começou a definhar, até que morreu. De nada lhe valeram os cuidados médicos nem se poude explicar sua doença misteriosa. (18).

Diriam os francêses que a vítima teria sido *envoûtée*.

Salomon Reinach, na sua história geral das religiões, ensina que a mais antiga legislação secular de Roma, a chamada das *Doze Táboas*, era muito severa para a magía maléfica, sem que, entretanto, essa magía negra deixasse de ser praticada. (19).

A prática dos «despachos» está por demais generalizada, entre os incultos, principalmente, mas o que é certo é que muita gente culta receia ser, por aquele processo, «despachada» para o outro mundo.

Entre a enorme série de superstições populares contam-se as chamadas *simpatias*.

Vejamos alguns exemplos, onde elas exercem ação terapêutica:

Para cólicas, na parturiente, deve-se botar uma bacia com água em baixo da cama.

Para evitar o vómito, quando se toma um purgativo, apertar uma chave, fortemente, na mão.

Para caimbras, uma fechadura em baixo da cama.

Para íngua, fixar uma estrela e dizer: — estrelinha do céu brilhante, má íngua disse que viva ela e morra vós e eu digo que viva vós e morra ela; isto deve ser dito por três vezes, em três dias consecutivos.

Para unheiro, mete-se o dedo num buraco de parede e diz-se: nunca vi unheiro verde em buraco de parede. Deve ser feito isto três vezes.

Para erisipela, penduram-se no pescoço nove nós do talo da mamona.

Para soluço, um pedaço de pau seco atrás da orelha, ou beber água num prato olhando para o fundo do mesmo.

Para lombinho, deve-se dar o lombinho a morder a três moças que tenham todas três o nome de Maria.

Para nascerem os dentes das crianças, põe-se no pescoço um colar de favas.

Para tosse, no cachorro, um colar,

tendo nove pedaços de sabugo de milho.

Ha muitas outras simpatías com várias utilidades e fins; assim, a noiva, para evitar a tirania do futuro marido e afim de que tenha ela a preeminência na vida doméstica deve matar um galo, de preferência preto, no dia do casamento.

Para a criança falar depressa, dar-se-lhe água no primeiro ovo.

(13) De Vesme, *obr. cit.*
(14) Flammarion, *obr. cit.*
(15) De Vesme, *obr. cit.*, 75
(16) Schopenhauer, *Ueber in der Natur*
(17) *Harbinger of Light, de Melbourne*, 1-8-34
(18) *Occult Review*, Londres, Agosto 1914.
(19) Reinach, *Orpheus*, 146

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

OS êxitos atribuidos à hidroterapia, tal como se pratica nos institutos para alienados, especialmente quando se aplica um forte jacto dágua ou um banho demorado, podem também explicar-se porque servem para desalojar as entidades obsessoras que não suportam tal tratamento.

O Dr. Prince, nos Anais de Psicologia Anormal, escreveu: «Si queremos estabelecer princípios exatos referentes ao mecanismo da mente, devemos comparar os resultados de todos os métodos de pesquisas, experimentais como clínicas, e darmos a devida consideração aos resultados conseguidos por todos os pesquisadores competentes».

Depois de se eliminar, cuidadosamente, todas as idéias baseadas na superstição e todos os absurdos a que deram lugar as psicologias normal e anormal excluindo, também, as psicoses febris e idiopáticas ou idiosincrasias assim como as psicoses neuropatogênicas, ainda fica um residuo de anormalidade na maioria dos casos de aberração mental.

O facto de alienistas de fama e autoridades de responsabilidade discordarem quanto à causa das insanidades é razão suficiente para que homens de bom senso investiguem qualquer teoria que prometa chegar a resultados, sem olhar prejuizos pessoais ou populares. A situação que nos defronta é séria e só á custa da mais larga tolerância e liberalidade poderemos fazer-lhe face. Desde que a loucura é principalmente uma manifestação de distùrbio mental ou psicológico—uma neuróse psíquica—a sintomatologia, todavia, deveria servir de guia para fixar sua etiologia e ajudar-nos a chegar a uma solução de sua patologia mental.

Esta proposição, entretanto, não exige apenas investigação e estudo das psicologias normal e anormal, porém, afim de se ter uma premissa completa, implica, também, o reconhecimento de uma dualidade do homem-matéria e espìrito, físico e espiritual.

A insanidade não é uma estigma; a atitude do público para com esta afeção deveria ser uma, não de aversão porém de compreensão, e a realização da estreita relação que existe entre os mundo visível e invisível.

A obsessão espiritual é um facto — a perversão de uma lei natural — e facto amplamente demonstrado. Isto tem sido provado centenas de vezes pela transferência temporária da suposta insanidade ou aberração, da vítima para um médium treinado para êsse fim, e por êste método comprova-se que a causa da psicose é um espírito malévolo ou ignorante, cuja identidade, muitas vezes, é verificada.

Por êste método *e sem* prejuizo do médium se tem, também, provado possìvel aliviar a vítima assim como tirar a entidade da sua situação de treva espiritual, como veremos pelas explicação das leis que regem o mundo espiritual, como veremos pelas experiências que se seguirão.

A relação entre os mundos visível e invisìvel é uma prerrogativa natural e

se estabelece por meio de uma pessoa de constituição especial, capaz de atuar como intermediária e por meio da qual as entidades desincarnadas podem, rapidamente, entrar em relação com o mundo físico. Entre os diferentes meios de que nos podemos valer para estabelecer contacto com o mundo invisível, o mais útil para a investigação é o transe inconciente durante o qual se póde estabelecer comunicação direta com o mundo invisível e se consegue verificar o estado mental das inteligências desincarnadas, sejam elas cultas ou não.

As experiências psíquicas podem dar resultados danosos quando as realizam pessoas ignorantes que não tomam as devidas precauções, desconhecendo as leis que regem os fenômenos, do mesmo modo que resultam perigosas a ignorância e o desprezo pelas leis que governam a vida diária. O mau uso de uma coisa não serve de argumento contra o seu uso.

As Pesquisas Psíquicas pertencem, especialmente, ao domínio da Ciência.

E' indispensável se possúa um critério sereno e uma boa dose de senso comum para dedicar-se aos trabalhos experimentais, e se tenha, ademais, um conhecimento completo das leis que presidem os mesmos trabalhos.

Nestas condições, os investigadores científicos constituem um fator inapreciável para o estudo da Ciência dos Espíritos.

CAPITULO I I

As Pesquisas Psíquicas

As pesquisas psíquicas abragem problemas da maior importância para a humanidade e já chegou a constituir um fator importante da vida social. Todavia é indiscutível que as várias escolas de pesquisas estão intentando classificar os seus resultados em bases puramente psico-fisiológicas.

A psico-análise sustenta a teoria de que muitas das psicoses teem o seu assento e origem em alguma lesão psíquica ou trauma, oculta ou esquecida. O psíco-analista, por medições mentais e provas de inteligência, está tornando a segregação e a classificação dos defeitos mentais possível. Por sua parte, o neurologista e psiquiatra estão, deligentemente, procurando isolar os fatores etiológicos nas varias neuroses, aberrações mentais e insanidades, e descobrir os melhores métodos de prevenção e tratamento.

Embora essas escolas de investigações se mostrem refratárias a aceitar a hipótese de que as inteligências desincarnadas constituem fator ativo e excitador em muitas das psicoses e aberrações, estão, no entanto, prestando importante serviço em descobrir e pôr em evidência os desiquilíbrios que se apresentam nos neuróticos e em todos os predispostos a desiquilíbrios mentais.

As pesquisas psíquicas apresentam duas fases gerais de investigação: a normal e a anormal.

A fase normal, do ponto de vista do médico como do ministro do culto, trata, entre outras, das seguintes questões: «Que é feito do homem que morre?» Êste problema é de vital importância para o enfêrmo que se encontra à beira do túmulo, incerto da vida futura, ou talvez tremendo, com mêdo da sorte que o espera depois da morte. Não seria mais nobre o papel do médico que se achasse em condições de assegurar ao doente que não ha morte, porém um nascimento para uma nova vida em esféras mais elevadas de inteligência?

A fase anormal dos estudos psíquicos exige uma preparação, a mais ampla possível, da parte do médico no que se refere ao misterioso funcionamento das almas, desincarnadas como incarnadas. Os estudos da psicologia anormal como da normal, indubitavelmente, indicam não só a existência de espíritos, mas inquestionavelmente, também, demonstram que tais entidades desempenham importante papel nas várias psico-neuroses e insanidades.

O médico, indubitavelmente, entra em mais íntimo contacto com as consequências das experiências insensatas nas pesquisas psíquicas, tão frequentemente resultando aberrações mentais, do que qualquer outra pessoa, pois é o primeiro a ser chamado para consulta e da sua decisão depende, grandemente, a sorte de uma vítima tão infortunada. Por esta razão e não outra, seria certamente não só privilégio mas também urgente dever do médico ficar inteiramente ao par dos vários aspectos das pesquisas psíquicas, particularmente dos perigos a que se expõem os investigadores imprudentes e com especialidade as pessoas predispostas ás psico-neuroses.

As consequências alarmantes que tiveram alguns casos de experiências psíquicas isoladas me levam a seguir uma direção de investigação tendente a descobrir-lhes as causas, coisa que diz respeito ao médico.

A primeira vez que dediquei a minha atenção ao grave problema dos desarranjos mentais produzidos como consequências de experiências psíquicas feitas por pessoas ignorantes do assunto, foi quando tive conhecimento de vários casos de pessoas que acabaram loucas furiosas a ponto de ser preciso interná-las em asilos, como resultado de experiências isoladas, inofensivas na aparência, de escrita automática e com o *oui-ja*.

O primeiro dos casos a que me refiro foi o da Sra. Bl., cujas tentativas de obter escrita automática acabaram em transtornos mentais e numa alteração da personalidade. Normalmente, ela era amavel, piedosa, calma e educada, porém tornou-se impetuosa e bulhenta, deu para torcer-se e dansar, usava linguagem grosseira e dizia que era uma atriz, insistia em vestir-se para o palco afirmando que devia estar no teatro em certa hora ou perder o emprêgo. Finalmente, tornou-se uma irresponsável e teve que ser internada num asilo.

Outro caso foi o da Sra. Bn., que, devido a experiências de escrita automática, mudou de uma artista e dama refinida em uma personalidade altamente diferente e violenta. Esfregava, constantemente, as fontes, gritando: «Deus me salve! Deus me salve! Correndo para a rua, ela se ajoelhava na poeira, orando, e recusava alimentos, declarando que si ela comesse antes das seis horas da tarde iria para o inferno.

A Sra. Sr., que se havia entregue ás mesmas práticas, ficou desiquilibrada e tornou-se violenta, sendo precisa a intervenção da polìcia. Levantando-se á noite, ela se colocava na janela de sua loja de modas, na conhecida atitude de Napoleão Bonaparte, que supunha ser e, depois de cometer muitos atos irresponsáveis requerentes da repressão, foi enviada para o Hospital dos Detentos.

Da mesma forma, a Sra. Wr., ficou obsedada, com alucinações de que Deus lhe estava constantemente falando e condenando-a por maus atos de que êle a acusava. Depois de tentar suicidar-se a pedido do pretenso Deus, foi internada num asilo.

Chegaram ao meu conhecimento outros muitos casos desastrosos ocorridos pelo emprêgo do *oui ja*, tão inocente na aparência, e minhas observações levam-me a buscar nos fenômenos psìquicos uma explicação de tão estranha ocorrência.

Minha esposa é um médium bem desenvolvido e facilmente dá incorporações a inteligências desincarnadas. Em resposta ás suas dúvidas sôbre o direito de «pertubar os mortos», essas entidades afirmaram que existe entre os mortais uma concepção tristemente errada, com referência às condições que imperam depois da morte. Elas asseguraram que, na realidade, não ha morte, porém uma transição natural do mundo visível para o invisível e que espíritos adiantados estão sempre procurando comunicar-se com os mortais para esclarecê-los com referência às grandes possibilidades que aguarda o espírito progressista. Porém a morte—a libertação do espìrito do corpo—é tão simples e natural que a maior parte dos espíritos, por um período de tempo mais ou menos longo, não realizam a mudança operada e, devido a uma falta de educação concernente ao lado espiritual de sua natureza, continuam a viver nos lugares em que viviam.

Afirmaram, também, que muitos dêsses espíritos eram atraidos pela aura magnética dos mortais, embora o espírito assim como o mortal fôssem inconcientes dessa intrusão, e, assim, obsedando as suas vítimas, ignorantemente ou malévolamente, elas eram a causa de incríveis sofrimentos, muitas vezes produzindo invalidez, imoralidade, crime e loucura aparente.

Segundo suas afirmações, o maior risco a que se expõe o neófito inexperto nas investigações psíquicas consiste na intromissão de algum espírito dessa categoria, porém o perigo ocasionado pela ignorância dessas coisas aumenta ainda mais no caso das pessoas neuróticas.

Essas entidades, também, asseguraram que se podia verificar a exatidão desta asserção recorrendo-se a um processo de transferência, isto é, atraindo os espíritos obsessores da vítima para o médium. Uma vez feita essa transferência, a vítima ficaria aliviada e as entidades obsessoras ficariam ao alcance de espìritos

adiantados que as protegeriam e os instruiriam com relação às mais elevadas leis da vida.

Disseram que minha esposa era um instrumento afinado para tais experiências e propuseram que si eu cooperasse com êles, para cuidar e instruir êsses espíritos ignorantes, para o que tomariam posse completa mas temporaria do corpo da minha senhora, sem lhe causar qualquer dano, que nos provariam serem exatas as suas assertivas.

Desejosos de saber da verdade ou falsidade de tão importantes asserções que, si verdadeiras, implicavam consequências muito importantes relacionadas com os problemas mais desorientadores da criminalogia como da psico-patologia, aceitámos o que nos parecia uma empreza arriscada.

As inteligências-guias, desejosas de levar a termo os seus propósitos, produziram muitas manifestações, algumas delas de forma imprevista e certas mesmo se realizaram quando eu fazia os meus primeiros estudos médicos. Saí, um dia, de casa sem a menor intenção de fazer a minha primeira dissecação, de modo que a subconciência de minha esposa não poderia tomar parte no que ocorreu logo depois. Os alunos haviam pedido para dissecar a metade lateral de um corpo e êsse foi de um homem de cerca de 60 anos e, naquela tarde, eu comecei a dissecar um membro inferior. Regressei à minha casa lá pelas 5 horas e, mal entrára, quando minha senhora foi aparentemente tomado de um mal súbito e, queixando-se de estranha sensação, cambaleou como si fôsse cair. Coloquei a mão sôbre um dos seus ombros e ela, logo, se ergueu e caiu, imediatamente, em transe, tomado por um espírito estranho que disse, com gesto de ameaça :

— «Porque me está cortando ?»

Eu respondi que não estava cortando ninguém, porém o espìrito respondeu furiosamente :

«Está sim. O senhor está cortando a minha perna !»

Realizando que o espírito possuidor do corpo que eu estivéra anatomizando me seguira até a minha casa, comecei a conversar com o mesmo depois de colocar minha esposa numa cadeira. A isto o espìrito se opôs vigorosamente, dizendo que eu não devia tocá-lo e à minha resposta de que eu tinha o direito de tocar o corpo de minha esposa, a entidade respondeu :

«Sua esposa ? De quem está falando ? Eu não sou mulher, sou um homem !»

Eu lhe expliquei que êle já havia abandonado o seu corpo físico e se estava utilizando do corpo de minha esposa, e mais que seu espírito é que estava alí ao passo que seu corpo jazia no necrotério. Quando, finalmente, pareceu ficar certo disto, eu disse :»

— Suponha que eu esteja agora cortando o seu corpo lá no necrotério, que eu não o possa matar, desde que está aquí».

O espírito admitiu que isto era razoavel e disse :

— «Penso que eu sou o que chamam «morto», de modo que eu não preciso mais do meu velho corpo. Si o senhor póde aprender alguma coisa cortando o meu corpo, continue a cortá-lo».

E logo acrescentou de súbito : «Escuta, senhor, dá-me um pedaço de tabaco para mascar».

Eu lhe respondi que não o tinha em casa e êle, então, pediu um cachimbo, dizendo :

«Estou louco para fumar».

Êsse pedido foi também recusado. (O facto da Sra. Wickland sentir nojo de qualquer tabaco de mascar exclúe a possibilidade de sua mente subconsciente ter desempenhado qualquer papel nesse episódio). Depois de uma explicação mais detalhada de que êle, era atualmente, um chamado «morto», o espírito, certo da sua situação espiritual, deixou o corpo da Sra. Wickland.

Subsequente exame dos dentes do cadaver indicou que o homem fôra um fumante inveterado, em vida.

Em outra ocasião, eu fui nomeado assistente professor de uma turma de estudantes de anatomia e o corpo de um homem de côr foi escolhido para o trabalho, porém o corpo ainda não fôra tocado quando, certa tarde, a Sra. Wickland caiu em transe e um espìrito desconhecido, falando por intermédio da mesma, exclamou :

— O' patrão, suponho que o senhor não vai cortar êste negro !»

Eu lhe disse que êle era um dêsses que o mundo chama de «morto», que êle não mais estava em seu velho corpo, porém no de uma mulher. Êle não queria

acreditar nisto e, quando eu lhe mostrei as mãos de minha esposa dizendo-lhe que elas não eram pretas mas brancas, êle respondeu :

—«É que as tenho cheias de cál ; sou caiador de profissão.»

Esse espìrito era muito teimoso e recorria a uma variedade de desculpas e explicações em vez de aceitar a verdade, porém, finalmente, se convenceu e partiu.

(Continua)

Uma Página de Mrs. E. D'Esperance

Publicamos neste número, um inédito de Cairbar Schutel, e referente à Mrs. D'Esperance, médium de múltiplas faculdades, dentre as quais a de materialização.

Êste artigo estava a aguardar uma oportunidade, pois o espaço de que podiamos dispôr, para receber longos artigos, era exíguo. Hoje satisfazemos o desejo do sr. Schutel, publicando o seu artigo e a página a que se refere. — *Nota da Redação.*

MRS. D'Esperance foi um dos famosos médiums que muito concorreram para a formação do grande tesouro de factos que o Espiritismo se orgulha em proclamar, como base inamovível da sua consoladora filosofia.

A Revista Internacional já teve ocasião de publicar uma série de substanciosos escritos da inesquecível médium inglesa. Lembrando dia de hoje, os grandes contribuintes que não mediram sacrifício e não pouparam esforços para o erguimento da incomparável ciência da Imortalidade, prestamos a nossa homenagem também ao ilustre Espírito, cujo nome, conhecido no mundo inteiro, não pode deixar de honrar a nossa publicação.

Mrs. D'Esperance fechou a sua missão, nêste mundo, com chave de ouro. Já velha em 1914, ela prestou grandes serviços, como enfermeira, na grande guerra. Espírita convicta, soube orientar-se sob os ditâmes da Nova Revelação, concorrendo não só com sua mediunidade, como também com todas as suas luzes e até com seu dinheiro para o triunfo do Espiritismo.

Os srs. Paul Bodier e Henri Regnault, em sua obra —«*Gabriel Delanne — Sa Vie — Son Apostolat — Son Auvre* —» a propósito da fundação da *Revue Scientifique e Morale du Spiritisme*, «contam que no ano de 1883, Gabriel Delanne recebeu uma carta de uma senhora rogando-lhe ir à Versailles, onde se achava residindo, pois que, precisava falar-lhe à respeito do Espiritismo. A carta foi escrita em mau papel e em mau francês, cheia de êrros de ortografia. Delanne lendo a carta, disse: «ainda mais uma desgraça estará reservada ao Espiritismo, meu Deus !» Entretanto, resolveu ir ao encontro da senhora. Foi a Versailles, a casa indicada, que se achava num quarteirão distante de um bairro. Ao chegar deparou com uma casa velha, de má aparência; tocou a campainha primeira, segunda, terceira vez, então uma senhora veio atender: —«Que desejais?» —«E' aquí que mora Mme, E...? Recebi esta carta...». «Entrai», disse a sra. e tomando Gabriel Delanne pela mão, fê-lo entrar e sentar. Na sala havia uma mesa e duas velhas cadeiras, e num canto uma grande mala, na parede um dêsses relógios chamados «Olho de boi».

A mulher sentou-se em frente a êle e disse com acentuado sutaque inglês: «Eu desejava fundar um pequeno jornal para propaganda do Espiritismo».

—«Mas, sra. disse Delanne, é preciso dinheiro e tudo custa caro».

Então a sra. levantou-se abriu a mala, tirou um embrulho de papeis velhos e retirou daí cinco cambiais de mil francos cada uma e pôs diante de

Delanne. «Eis aqui para as primeiras despesas, depois eu fornecerei o que for necessário. Aceitais redigir o jornal»? Gabriel Delanne, admirado, não ousou responder. Ela disse então — «Vamos».

Gabriel Delanne agradeceu-lhe, então, o vivo interêsse que ela tomava pelo Espiritismo. E ela levantando-se bruscamente deu-lhe a entender que a entrevista estava terminada.

Foi assim que, graças à generosa inglesa, Madame E. D'Esperance, que a revista «Le Spiritisme» veio à luz.

Delanne gostava de contar aos seus íntimos êsse facto e tinha Mme. D'Esperance como um dos pioneiros do Espiritismo Kardecista.

Em homenagem à ilustre espírita passamos a transcrever um dos seus belos artigos cuja leitura muito nos encoraja e consola.

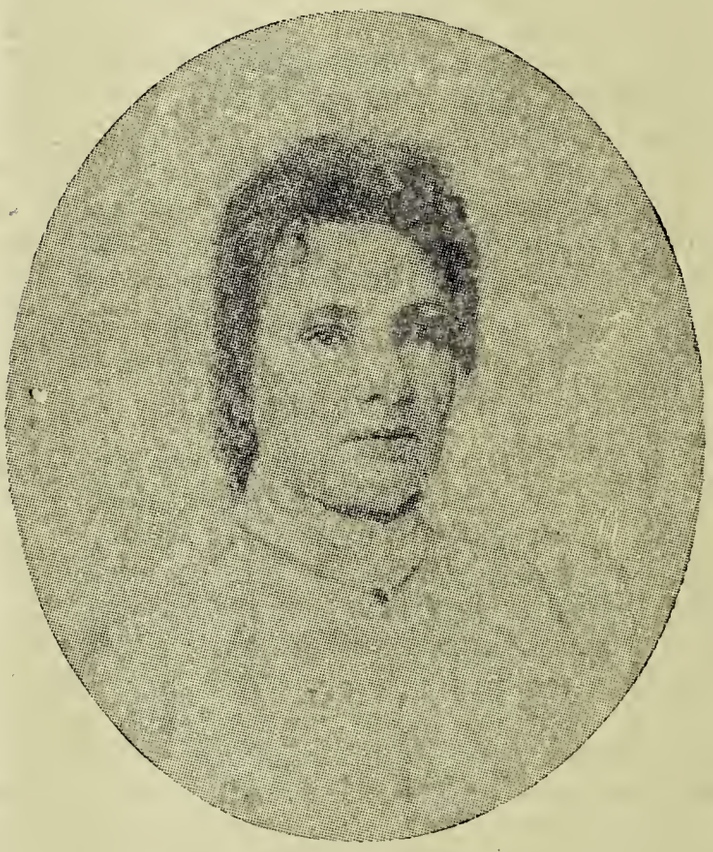
«DAS TREVAS Á LUZ

Muitos mêses depois das minhas experiências da Noruega, senti-me cheia de cuidados, refletindo nos fenômenos espíritas, principalmente quando li algumas obras tratando da mesma questão. Passei em revista todas as circunstâncias inexplicadas, todos os argumentos apresentados em apôio dessas manifestações; ponderei-os e comparei tudo com as minhas próprias experiências.

Essas manifestações eram verdadeiras, sem duvida, mas donde provinham? Eis a questão. Essas formas materializadas, pelas quais me interessava tanto, seriam a minha *conciência sublimal*, agindo independente da minha vontade? ou podiam vir do diabo, êsse inimigo velho, tão temível da humanidade, tomando a aparência de amigos falecidos para iludir-me e mergulhar-me num abísmo de iniquidades e decepções? Teria eu estado ao seu serviço durante tantos anos, arrastando outros, comigo, para o mal? Não teria sido a minha vida mais que uma série de erros? Aqueles a quem eu tentára abrir os olhos sôbre factos palpáveis, poderiam acusar-me de havê-los desviado do bom caminho?

Êsse pensamento terrível obsedava-me, mas ao mesmo tempo eu tinha mêdo de achar a verdade. Faltava-me a coragem para olhar de frente essas coisas terríveis, *a-pesar-de serem realidades*. Antes a incerteza do que a confirmação dêsse receio.

Lembrei-me da fé da minha infância e da minha crença na bondade e no amor de Deus, mas também recordei-me de haver inutilmente invocado êsse auxílio prometido aos crentes. Tinha colocado as minhas esperanças sôbre a areia, e faltava-me um terreno sólido para reconstruir o edifício desmoronado. Era preciso re-



MRS. E. D'ESPERANCE

começar a minha triste experiência, sem saber onde colocar o pé. A vida era para mim uma inimiga, e a morte o termo horrível de uma existência inútil, cheia de provas e sofrimentos.

Pude então compreender como um médium conhecido confessou que as manifestações espíritas eram apenas embustes e ilusões. Se as minhas dúvidas e os meus receios fossem confirmados, essa seria a única norma de conduta que eu devia seguir, fazendo o mesmo que outros.

Mas tal coisa era pior que a morte; desejei certificar-me da veracidade das minhas dúvidas, antes de

tomar qualquer resolução. Se realmente eu tivesse sido iludida e houvesse enganado os outros, não morreria sem haver tentado reparar o mal que estava feito, empregando todos os meios ao meu alcance.

Tomada essa resolução, ficou a minha vida com um alvo determinado, e comecei logo a forjar novos planos de experiências. Era preciso abstrair-me da certeza que eu tinha de possuir o dom da mediunidade; proceder como se a minha personalidade devesse ser suspeita e como se eu duvidasse de mim mesma. O intuito das experiências seria demonstrar o papel que eu desempenhava na produção dêsses fenômenos; eu não devia ter confiança nos meus pensamentos e sentimentos, nem nos meus próprios sentidos. Era preciso que eu conhecesse que parte me cabia na materialização dos Espíritos.

Não julgava que aí tivesse alguma parte, conciênte ou inconciêntemente, a-pesar-de emprestar-lhes a fôrça de que dispunha, pois notára que eu conservava intacta a minha conciência. Mas o diabo tem muitos recursos, e podia fazer-me *crer* que eu não tinha perdido a faculdade de raciocinar. Era assim que eu argumentava comigo mesma.

Decidida, portanto, a resolver o que me parecia uma questão de importância vital, senti-me encorajada e, depois de haver desejado o repouso, a paz eterna do túmulo, comecei a temer que a morte me surpreendesse antes do cumprimento da tarefa que eu estava impaciênte para pôr em prática.

Uma enfermidade, talvez oriunda das minhas angustias e de um resfriamento que sobreveio, obstou as experiências, e, quando o médico pareceu duvidar da minha cura definitiva, tive um sentimento de alívio pensando que pela morte eu escaparia a essa prova humilhante, e ao mesmo tempo uma espécie de triunfo, dizendo a mim mesma que eu, a meu pesar, era forçada a não cumprir a minha promessa. Felicitava-me pelo sacrifício que anteriormente resolvera fazer, mas íntimamente me regosijava com a idéia de que a morte ia, sem me consultar, revolver a questão. Era a liberdade.

Aí também iam findar as minhas dúvidas pessoais.

Eu ia saber o que havia de verdade nas comunicações e manifestações espíritas.

Se elas não eram reais, a morte poupava-me á humilhação de confessar os meus erros. Mas, se o fossem ? Que seria se, por qualquer motivo, eu não pudesse mais proclamar a sua veracidade ? Seja ! pelo menos eu não tinha de fazer confissão alguma ! De qualquer modo eu escapava à tarefa que pretendia empreender, e podia deixar os outros resolverem a questão por si mesmos.

Depois, porém, pensei que havia egoismo e fraqueza nesse modo de raciocinar. Se eu tinha prejudicado os outros, cumpria-me a todo transe buscar corrigir o mal. Se eu morresse, perderia a ocasião de fazê-lo ; e não era bom desejar a morte para evitar a prática de uma obra necessária. Teria eu o direito de legar a outros essa obra de reparação ? Não ! Eu mesma devia cumpri-la e demonstrar a verdade ou a falsidade dessa grande causa. Fosse real ou ilusoria, eu devia torná-la conhecida.

Comecei a restabelecer-me ; *era preciso* que me curasse. Enfêrma, eu nada podia fazer e estava perdendo um tempo precioso. Contava pois as horas e os dias que fugiam, esperando o momento de cumprir o meu dever habitual.

Certo domingo pela manhã, formoso dia de verão, recostei-me no sofá com um livro, mas o meu espírito estava agitado por mil projetos das experiências que eu queria fazer. Por isso, prestava pouca atenção às páginas do meu livro.

Tive uma profunda sensação de fraqueza e abatimento, e as páginas impressas que eu procurava lêr tornaram-se estranhamente indistintas. Iria eu perder os sentidos ? Tudo se tornou sombrio para mim, e acreditei que ia ter uma recaída. Quis chamar alguém em meu auxílio, mas lembrei-me de que ninguém havia nesse lado da casa.

O mal estar passou quasi imediatamente, e fiquei satisfeita por não

haver incomodado alguém. Olhei para o livro; coisas estranha! pareceu-me vê-lo muito distante e escuro, e que eu havia abandonado o sofá, onde se achava outra pessoa segurando o livro. Que seria isso? Como eu me sentia admiravelmente leve e forte! O mal estar tinha sido substituido por uma maravilhosa sensação de força, de saúde e de poder, que anteriormente eu nunca havia conhecido.

A vida despertava em mim, agitando-se, fervendo nas minhas veias como se aí passassem correntes elétricas. Cada parte do meu corpo recebêra um novo vigor, e eu tinha um sentimento de liberdade absoluta. Pela primeira vez, soube o que era viver.

Que coisa extraordinária! A sala me parecia tão pequena, tão mesquinha, tão sombria! E aquela figura pálida sentada no sofá? Eu buscava reconhecer nela uma pessoa de quem tinha fraca lembrança; porém, precisava de dar expansão ao meu irresistível desejo de liberdade. Não podia conservar-me nesse lugar; para onde iria? Dirigi-me para a janela. As paredes pareciam aproximar-se de mim e depois desaparecerem; como? Não o sei dizer.

Êsse fenômeno não me causou grande surpresa, embora eu pouco o compreendesse, porque a uma pequena distância vi um amigo, que reconheci, não como se reconhce habitualmente os amigos, pelas feições e o formato do todo, (mesmo agora eu não poderia dizer, se descobri nêle algum traço familiar), mas o certo é que eu sabia que êle era meu amigo de longas idades, um amigo melhor, mais sábio e forte do que eu. Tive necessidade de um amigo, e êle apareceu. Êle falou-me, creio que sem se servir dos nossos meios de linguagem, mas compreendi-o melhor do que por meio de qualquer língua.

Podia eu vêr onde me achava? Sim, eu o via, posto que o sol se tivesse extinguido de um modo curioso. Estavamos sôbre um caminho estreito e pouco agradável e, olhando ao redor de mim, segurei meu amigo pela mão, afim de sentir-me em segurança. Era um lugar exquisito, porém que me parecia ser bastante familiar. Sombrios rochedos erguiam-se de cada lado do caminho, dificultando e bloqueando a passagem pelas suas arestas. O terreno era juncado de pedras grosseiras e coberto de sarças, apresentando aquí e alí profundas fendas, onde o viajante imprudente se arriscava a cair. Meus olhos examinavam-nas, enquanto eu avançava tacteando ao longo do caminho, polegada por polegada, assentando cautelosamente um pé depois do outro. Um obstáculo de aparencia invencível foi então transposto e, caminhando, eu tinha a conciência de experimentar um sentimento de exaltação alegre diante das dificuldades vencidas á medida que eu dava um passo para a frente.

Nesse ínterim, aparece um golfo no meu caminho e, consternada, eu não tinha a esperança de evitar aí uma queda dasastrosa. Entretanto, olhei audazmente para diante e, à medida que avancei, um caminho estreito tornou-se visível; se eu não tivesse vertigem e caminhasse com um passo firme e prudente, o golfo podia ser contornado sem haver nenhum perigo.

Era um caminho longo e fatigante; se eu estava então com um amigo, sabia que isso era por pouco tempo, mas não me assustei, a-pesar-da obscuridade e tristeza do lugar, envolto em um nevoeiro frio que me gelava o sangue e me abatia a coragem. Em certos pontos, porém, brilhava uma luz fraca e béla, enchendo-me o coração de alegria e gratidão.

Lançando um golpe de vista sôbre o caminho já percorrido, experimentei um sentimento de triunfo. A luz, cujos raios se mostravam então, parecia esclarecer agora todo o caminho, e eu podia com a vista descobrir o sinal dos meus pés, desde o momento em que empreendera a viagem. Num ponto eu tentára evitar os obstáculos, em outro eu recuára para avançar de novo e transpô-los.

Eu via os lugares em que tinha caído, e dos quais saíra com dificuldade, e notava finalmente que poderia evitar êsses perigos, se o caminho estivesse iluminado como então.

Olhando de novo para a frente, vi a luz brilhar à distância diante de

mim, enquanto a sombra se estendia debaixo dos meus pés. Senti um desejo ardente de apressar-me para ir ao ponto iluminado, e no mesmo instante um raio brilhante se fixou na minha frente, guiando-me os passos.

— Poderás agora caminhar só? perguntou o meu amigo. A tua coragem está na altura da tarefa que empreendes?

— Sim, se fôr necessário. Não è coisa tão difícil como me parecia; porém preciso de luz, desejo ter o sentimento de estar segura. Porque devo seguir êste caminho? Não haverá outros melhores?

— Olha mais ao longe!

Olhando, observei ao longe que a obscuridade ia aos poucos decrescendo, e que por fim, exatamente no termo do caminho, se mostrava um brilhante raio de luz, inundando-o de uma glória inconcebível. Eu não podia suportar-lhe o brilho. Tive vergonha e escondi o rosto, porque a luz me atravessava de um lado a outro e vi-me como eu era realmente, e não como a minha presunção me fazia supôr. Se os outros pudessem vêr-me como eu me estava vendo!

— Que significa isso?

— E' a verdade, a verdade, que intentaste procurar.

— E è por êste caminho que eu chegarei lá?

— Foi o caminho que traçaste, não tens outro a percorrer.

— Se eu o percorrer, chegarei à verdade? Sim; isso não póde deixar de dar-se; sinto que ei-de achá-la.

— Já a encontraste; cumpre que agora te aposses dela e que a abraces com amor.

— Ajudai-me, fazei que eu a compreenda melhor. Como alcançarei a verdade? como poderei abraçá-la?

— Já a encontraste; viste-a anteriormente, porém não a reconheceste. Ela esclareceu o teu caminho, mas receiaste confessar isso a ti mesma.

— Era tão fraca, tão obscura... eu ignorava que fosse ela, disse humildemente.

— Tu a sentiste mas puseste-a de lado e ergueste barreiras entre ti e ela, que a esconderam à tua vista.

— Eu não o sabia, não o sabia.

— Cerraste os olhos e caminhaste cegamente, caíndo nas armadilhas; tiveste mais confiança na tua sabedoria imaginária do que nessa luz, entraste em verêdas que te afastaram dela.

— Eu não o sabia.

— Tinhas a luz ao teu alcance. Tu a vias brilhar, porém ela te ofendia por vir esclarecer coisas que te eram desagradáveis. Preferias que essas coisas ficassem envoltas na obscuridade, esforçando-te por crer que elas não existiam. Repeliste a luz, e por isso caminhaste nas trévas e no desespero.

— Eu não o sabia.

— Tu dizias: Não preciso do auxílio de ninguém. Farei isto e aquilo, e por isso tropeçaste e caíste no golfo; quando, em cada volta do caminho, encontravas uma decepção, voltavas para trás, contrariada em teus planos, enganada pelo teu próprio desejo, e só então reclamaste a verdade.

— Eu não o sabia; ajudai-me a compreender a verdade, a não me afastar dela. Ajudai-me para que me aproxime dessa luz maravilhosa, ajudai-me a compreender a significação da vida. Não quero que me abandoneis. Oh! Ajudai-me, ajudai-me!

Segurei-me a êle. Desviámo-nos da contemplação da estrada; em seguida, veio uma sensação de movimento, de surprêsa, de luz crescente, radiante, e depois... Como descrever o indescritível? O tempo havia desaparecido; o espaço não existia. Acabrunhava-me a minha própria insignificância. Que fraco, que pequeno átomo eu era nessa imensidade, a-pesar-de ser *uma* com ela, de haver nela nascido e pertencer-lhe! Cheguei a essa conclusão, mesmo com a minha fraca inteligência, e sabia que, pobre e mediocre como era, eu fazia parte dêsse Tôdo indestrutível e eterno, e que sem mim êle ficaria incompleto.

A luz dessa grande vida me penetrava, e compreendi *que os pensamentos são as únicas substâncias realmente positivas*, e por que motivo a linguagem falada era desnecessária entre o meu amigo e eu. Os segredos da vida e da morte me eram desvendados e eu os penetrava; a razão do pecado e do sofrimento, os

esforços eternos em busca da perfeição estavam explicados; cada átomo da vida tinha o seu lugar designado no ponto necessário, cada transformação, cada evolução aproximava-o do seu fim. Logo que um desejo nascia em mim, eu achava os meios de realiza-lo. Eu podia ter o conhecimento das coisas, bastava-me que o desejasse.

E eu tinha duvidado... duvidado do poder de Deus, da sua existência; duvidára da realidade da vida espiritual! Eu tinha cegamente dado para limites da *verdadeira vida* os sombrios confins da existência terrestre. Conservei-me perto do meu amigo, vencida por êsse novo sentimento da realidade das coisas, por essa maravilhosa verdade. Vi outros sêres, radiantes criaturas, e senti-me humilhada, envergonhada da minha própria inferioridade; entretanto, minha alma voava para elas, com amor e veneração. Desejava a sua amizade e o seu amor.

Que significava isso?... Minha aspiração era como um raio de luz argêntea... ia ter com êsses sêres; era uma corrente de comunicação nascida do meu desejo. Eu podia ir com eles, e eles podiam vir a mim; conheciam a minha aspiração, me sorriam e eu senti-me abençoada na minha solidão.

Outros haviam pelos quais eu sentia uma imensa compaixão, experimentando um irresistível desejo de atraí-los a mim. Eles podiam vir, aproximar-se de mim, se o desejassem, do mesmo modo que eu o havia feito em relação ás creaturas brilhantes de amor e de verdade. Porque, pois, não se dirigiam a mim? Senti que podia dissipar a sombra que os envolvia.

Tinham-me ajudado, haviamos trabalhado juntos. Ás vezes fôramos bem sucedidos, e em outras ocasiões não conseguiramos o nosso fim. Tinhamos sido vencidos pelas dificuldades, caído em ciladas, mas sempre reunidos, sempre juntos. Trabalharamos sem luz; cada um de nós teve a sua parte, haviamos sido igualmente cegos e culpados.

Que diferença, pois, havia entre nós? Porque motivo eu os lastimava? Porque desejava atraí-los a mim? Eu não era melhor nem mais elevada que eles. Não! Nada è melhor ou pior, mais alto ou mais baixo. Somos todos iguais, todos membros da mesma imensa família, todos átomos da Grande Alma creadora. Mas eu, átomo menos experiente e instruído que aqueles que eu lastimava, já havia encontrado a luz que eles ainda buscavam.

A luz havia penetrado em minha alma, e eu sentia-me repleta de uma alegria inexprimível. Essa nova chama nascente era minha, pertencia-me e nunca mais me escaparia. Estava igualmente ao alcance deles, porém eles não lhe ligavam importância. Ela os rodeava, estava *neles*, porém eles o ignoravam. Achavam-se na mesma posição que eu, quando seguia por igual caminho... Pois bem! Eu instruí-los-ia, ajudá-los-ia, mostrar-lhes-ia o que deviam fazer para chegarem à verdade. Eu os ajudaria na busca da luz, como o meu amigo havia feito em relação a mim. Eles compreenderiam, como se deu comigo, o que é essa grande luz do amor... Porque não me faziam um simples apêlo?

Estendi os braços e chamei-os. Senti o meu sêr inteiro vibrar numa dolorosa aspiração, no desejo de atraí-los a mim. Eles podiam tão facilmente vir ter comigo, afim de compartilharem dessa nova e gloriosa vida, se a quisessem!

Como poderia eu chamar a sua atenção? Como indicar-lhes o caminho? Oh! graças à irradiação dêsses sêres cujo sorriso me havia felicitado, graças a êsse pouco de luz e de influência que êles espargiram sôbre o meu caminho, graças ao seu auxílio, eu iria buscar êsses pobres amigos. Iria beber essa verdade gloriosa e viva; ela encheria todo o meu sêr, e assim eu poderia refletir sua glória e fazê-la ressaltar sôbre os sêres a quem amava e a quem tanto lastimava. E toda a minha conciência se concentrou nesta prece: «Ajudai-me, afim de que eu possa ajudar os outros».

Crônica Estrangeira

Goethe espírita

O célebre poeta e músico, autor do *Fausto* era espírita. Goethe, com efeito, acreditava nos espíritos e, por diversas vezes, observou a sua realidade.

Um dia, passeiando com várias pessoas na estrada de Weimar ao Belvedère, o poeta acreditou vêr um dos seus amigos surgir de repente diante dele, vestido com a sua *robe de chambre*, e, depois, desaparecer. Goethe contou imediatamente a sua vizão e acrescentou que a pessoa cujo fantasma acabava de vêr, tinha, com certeza, morrido nesse mesmo instante.

Qual não foi, porém, a sua estupefação quando, voltando à casa, aí encontrou aquele que acreditava morto, de perfeita saúde e justamente vestido como lhe aparecera ?!

Êsse amigo, surpreendido pela chuva, fora refugiar-se na casa do maestro. E, enquanto o esperava, vestira para aquecer-se, a *robe de chambre* do poeta. Depois, tendo adormecido numa poltrona, sonhara haver encontrado Goethe na estrada do Belvedère.

De outra vez, Goethe conversava em sua casa com vários amigos quando, sem causa alguma aparente, um ornamento esculpido da sua mesa de trabalho partiu-se e caíu à terra. Soube-se, depois, que, no mesmo momento, um começo de incendio se declarara na casa vizinha e que uma mesa, igual a de Goethe, feita da mesma madeira e pelo mesmo marcineiro, fora presa das chamas.

Goethe acreditava na reincarnação.

Êle explicava o seu amôr da antiguidade dizendo que vivera, outrora, sob o reino de um grande imperador romano — Adriano.

Seu amigo Boisserée, grande conhecedor da arte rhenana, concordava com o poeta-músico, acrescentando que êste devia ter vivido, uma segunda vez, no XV seculo, às margens do Rheno.

E o grande homem que era Goethe não tinha vergonha de apregoar as suas crenças.

E' assim que, na sua obra poetica, falando do seu *Wilhelm Meister*, Goethe diz :

— Escrevi esta obra, bem como o *Fausto*, e outros livros, entre os quaes *Wie ein Schlafwander*, como um sonâmbulo, como num sonho, não sabendo bem ao certo o que fazia.

Goethe pretende que a sua inspiração provinha do espírito de um morto, dele desconhecido, espírito que, a cada vez que trabalhava, dirigia-lhe a mão.

O avô e a mãe do poeta tiveram, igualmente, manifestações espíritas e a presciência dos acontecimentos em vários sonhos proféticos.

«O Que Eu Creio»

«Light»

As cautelosas afirmações do Deão da Catedral de São Paulo.

O Deão de São Paulo, Dr. W. R. Matthews, disse na primeira série de artigos, em *News Cronicle*, sôbre «O Que Eu Creio» :

«Eu estou absolutamente certo de que os sêres humanos não são simples produtos dum processo mecânico de evolução».

Em seguida êle diz que acredita em Deus como u'a Mente Creadora e depois confessou «embora com menos segurança que essa Mente Creadora é Deus, que é Amor». Muitas vezes êle se sente perplexo ante o problema do Mal, mas «não sente atração pela proposição da Ciência Cristã que pretende não existir o Mal, ou ser êle uma ilusão da mente mortal».

O Dr. Matthews crê que Deus se revela na Natureza, por meio de «sêres humanos excepcionalmente privilegiados» como os profetas hebreus, Sócrates, Zoroastro e também Jesus Cristo, embora acrescente : «não posso pretender que eu tenha obtido uma resposta satisfatória à questão, *como poderia Deus tornar-se homem*. Eis um grande paradoxo, uma pedra de tropeço, como disse São Paulo...»

Quanto à Sobrevivência, escreveu o Dr. Matthews : «No credo que eu fre-

quentemente repito na Igreja eu digo que *acredito na vida do mundo futuro,* e realmente assim acontece, mas não nas representações figuradas que edificaram ou terrificaram gente simples. As visões do Céu e do Inferno são símbolos, na melhor das hipóteses: «Olhos não viram, ouvidos não ouviram, nem tão pouco entrou no coração do homem...; porém, tenho fé que os que começaram a desenvolver a espiritualidade neste mundo, não serão prejudicados pela morte. Creio também que aqueles que poucas oportunidades de desenvolvimento tiveram neste mundo e os que pecaram, hão de encontrar outras oportunidades no além».

O maior Médium — O Homem que Flutuou no Ar!

«The Two Worlds»

D. D. Home, o maior dos médiuns físicos, faleceu ha 50 anos. Êle foi investigado por Sir William Crookes, pelo Duque de Crawford e uma duzia de cientistas e homens de letras, e nunca contra êle se levantou a menor sombra de suspeita.

Talvez seja a ocorrência de Ashley House (Londres) a mais notável de sua carreira. Presentes estavam: Lord Adair; Lord Lindsay e o Capitão das guardas, Wynne. Os acontecimentos foram descritos em relatórios independentes e ambos se corroboram admiravelmente. Lord Lindsay descreveu o modo por que D. D. Home foi levitado ao aposento contíguo. Todos ouviram levantar-se a janela (corrediça) e no mesmo instante viram Home a flutuar no ar, isto do lado de fóra da janela. Não havia luz na sala, mas a que entrava pela janela aberta era suficiente, permitindo verem-se distintamente os presentes, bem como visíveis a todos eram os móveis. Lord Lindsay afirma: «Minhas costas estavam voltadas para a janela e sôbre a parede fronteira, vi a sombra do parapeito da janela e os pés de Home a seis polegadas acima do mesmo. Nesta posição êle permaneceu durante alguns segundos e então levantou o caixilio e entrou no aposento, (os pés em primeiro lugar) e sentou-se». A seguir, Lord Adair entrou no aposento contíguo, com o fim de examinar a janela pela qual passara Home. O caixilio estava meio suspenso, e a abertura era de 45 cms. Lord Adair expressou sua admiração por haver Home levitado através de tão pequena abertura. Home (ainda em estado de transe) disse: «Vou repetir a experiência, e então, com as costas voltadas para a janela, o corpo rígido se inclinou para trás, sendo arremessado através da abertura, em primeiro lugar a cabeça e, então, voltou calmamente ao interior. A distância do sólo à janela era de 23 ms. O espaço entre as duas janelas media 2 m. e 45 cms. e sómente havia um ressalto de 30 cms. para cada janela, destinado a receber flores.

A essa ocorrência seguiu-se uma série de manifestações muito curiosas. Lindsay e Wynne viram línguas de fogo procedentes da cabeça de Home. Todos ouviram o esvoaçar de um pássaro dentro da sala, vôos acompanhados de assobíos e trinados, mas nada viram.

Em seguida ouviram o som de um vento impetuoso através da sala. «Todos nós ouvimos êsse som impetuoso, lamentoso, a coisa mais exquisita, como jámais ouvi em toda minha vida, igual».

Êste incidente na vida de D. D. Home nunca foi posto em dúvida, mas não é caso único. Lord Lindsay, fala de outra ocorrência: «Em plena luz vi Home em posição ereta, a 45 cms. acima do solo».

Sir William Crookes forneceu um testemunho semelhante: «Em três ocasiões separadas, vi Mr. Home completamente levantado acima do soalho da sala. «Certa vez, sentado numa cadeira; em outra ocasião, ajoelhado em sua cadeira e de outra feita, em pé. Todos os fenômenos foram escrupulosamente examinados por mim».

O Duque de Crawford relatou os factos perante a Sociedade Dialética de Londres e questionaram-no sôbre a possibilidade da intervenção de embustes. Porém, êle afirmou sua legitimidade nestes termos: «Quanto mais os estudo, mais me convenço da impossibilidade de serem os fenômenos o resultado de truques mecânicos. Inúmeras foram as oportunidades de estudá-los».

Os fenômenos de levitação, hoje, são raros, mas diversos casos se realizaram na Itália, ha poucos anos.

Os espíritos veem através dos corpos opacos...

«Estudos Psíquicos»

Como digo acima, minha prima Cármen Vendrell i Serra revelou-se médium de tiptologia. Animados pelos bons resultados que obtinhamos, realizávamos pontualmente duas sessões semanais, com a quasi inalterável assistência de minha tia, minha esposa, minha prima, seu filho José e o signatário destas linhas.

Entre várias entidades, comunicava-se com muita frequência um espírito que assinava Robert Roure. Perguntando-lhe se nos podia dar uma prova de leitura em livro fechado, recebemos logo a seguinte resposta, que traduzo, literalmente, do catalão, sendo vírgulas e pontuação de minha conta:

«Ao entrar, na estante da esquerda, segunda prateleira, livro «História dum Crime», página 180, quarta linha: «Soldados ? O exército francês é a guarda-avançada da humanidade».

Terminada a sessão e impacientes pela confirmação da mensagem de Roure, todos os assistentes abandonaram a residência de minha prima (Rua do Montepio Geral, 405, Lisboa), onde se realizara a sessão, e se dirigiram para minha casa, que era, então, na Estrada de Benfica, 405, Lisboa. Aberta a estante referida, encontrámos imediatamente o livro indicado pelo espírito, — «História dum Crime», de Vitor Hugo, editado pela livraria Guimarãis & C.ª, desta cidade, — onde pudemos ler, na página 180 e *na quinta linha e não na quarta,* o trecho duma proclamação ao exercito francês, sem troca de qualquer letra.

Na sessão seguinte, realizada três dias depois, pedimos nova prova á mesma entidade e a mesa soletrou a comunicação, que traduzo também do catalão, continuando a pontuação de minha conta:

«A entrada, à direita, no livro «América», página 53, linha 16: na a consecuencia de sus heridas. Dobes resultó también herido».

Depois da sessão, dirigimo-nos, igualmente, à minha residência. Pois, no mesmo sitio e ordem indicados pelo espírito, estava o quarto da obra «América, su Colonización e Independência», de José Coroleu, edição de Montaner y Simón, 1896, em cuja página 53, linha 16, se encontrava, exatamente, o trecho comunicado.

E' digno de notar que as letras *na,* com que principia o trecho, e que nenhum sentido parecem ter, são a silaba *na,* final da palavra *semana,* que vem da linha anterior.

Lisboa, 12 de Novembro de 1940.

João Vendrell i Mercadal

Almas do Outro Mundo...

«Estudos Psíquicos»

A filosofia que não receia comprometer-se no exame de toda a espécie de questões futeis, sente-se, em geral, muito embaraçada, quando encontra certos factos de que não poderia, impunemente, duvidar e nos quais não poderia crer, sem se tornar ridícula. E' o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a filosofia seja mais sensivel, do que a de credulidade e adesão às superstições vulgares. Os que se enfeitam, de barato, com o nome e relêvo de sábios, motejam de tudo o que é inexplicável. E' isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, e desmentidas, impiedosamente, em público. Podemos ter a certeza de que jámais uma academia de ciências escolherá semelhante matéria para concurso, não porque algum dos seus membros se persuada da futilidade e da mentira de todas essas narrativas, mas simplesmente porque as leis da prudência põem sábios limites a semelhantes questões. As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes secretos e serão sempre objeto, em público, de incredulidade de bom tom. Quanto a mim, a ignorância em que estão acêrca da forma pela qual o espírito entra neste mundo e dêle sai impede-me de negar a verdade das narrativas em curso. Por uma reserva que pode parecer singular, permite-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de os acreditar no seu conjunto.

Emmanuel Kant.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

Após diversas sessões preparatórias, acaba de ser fundada a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, entidade essa que tem por escopo principal dar um novo e vigoroso impulso à ciência, removendo-a do círculo materialista em que se acha circunscrita para o vasto campo do Espiritismo, onde ela poderá fazer novas e substanciais aquisições em seu próprio benefício e em benefício da humanidade.

Êsse auspicioso acontecimento marca o início da aliança da ciência com o Espiritismo, o que é uma previsão segura de incalculáveis benefícios que advirão, com resultados positivos, para o bem comum, pois além de facilitar os diagnósticos de certas enfermidades que não podem ser curadas pelos métodos ordinários empregados pela ciência, senão pelos espirituais, vai, aos poucos, abatendo o preconceito da maioria dos médicos com relação ao Espiritismo.

Não podia ser mais útil e oportuna a idéia dos médicos espíritas e outras pessoas competentes e interessadas pelo triunfo da Verdade, fundando, sob os aplausos dos espíritas em geral, a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, que certamente será guiada pelos Espíritos do Senhor, sob cujo influxo se movimentam os homens de boa vontade.

Aos fundadores da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, os nossos sinceros parabens, os nossos testemunhos de solidariedade.

—

Resumo do Estatuto aprovado em Assembléia, a 11-6-941; registrado na forma da lei (Cartorio Teffé — 1.º Ofício de Títulos e Documentos — «Livro A, n.º 3, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas» — Número de ordem do protocolo: 92.504 — Número de ordem do registro: 1.504); publicado no «Diário Oficial», em 20-6-41 (Seção I, página 12.624); em vigor a partir de 20 de Junho de 1941.

CAPÍTULO I

Art. 2 — São seus fins:

a) Investigar, com emprêgo de métodos científicos, os seguintes fenômenos:

1. espíritas;
2. anímicos;
3. espíritas e anímicos, em estudo comparado;

b) Investigar e estudar cientificamente:

1. o magnetismo animal;
2. o hipnotismo;
3. a mediunidade;
4. os fenômenos espíritas que se relacionem com a Medicina em geral e com a Psiquiatria em particular;

c) Estudar especializadamente:

1. a Metapsíquica;
2. a Biologia;

d) Pesquisar as leis que regem os fenômenos espíritas, bem como as que regulam os fenômenos anímicos;

e) Estudar o médium, sob o ponto de vista neuro-psiquiátrico;

f) Efetuar estudos comparados:

1. de moral;
2. de religiões;
3. de filosofias;

g) Promover intercâmbio científico, com institutos nacionais e estrangeiros;

h) Difundir a cultura médico-espírita;

i) Defender o Espiritismo, sempre no plano elevado do pensamento e de maneira impessoal, si atacado por cientista ou por instituto científico;

j) Realizar seu programa na medida das possibilidades, sem pressa, com segurança.

Art. 3 — Para satisfazer suas finalidades, deverá a Sociedade de acordo com as possibilidades financeiras:

a) Organizar:

1. Um laboratório de investigações psíquicas;
2. Uma bibliotéca — de ciências em geral; de Espiritismo e de Medicina em particular, especialmente psiquiatria, neurologia, fisiologia, histologia, citologia e anatomia; de psicologia e de psicanálise; de moral, de religião e de filosofia;
3. Um museu com moldes de gesso ou parafina, fotografias, mensagens autopsicográficas, desenhos e outros objétos, evidenciais da comunicação dos Espíritos, tudo devidamente autenticado e sujeito a prévios exame e parecer do Departamento de Investigações Experimentais;

4. Um arquivo;

b) Publicar uma revista científica, que será o órgão oficial da Sociedade;

c) Realizar congressos nacionais e internacionais, de Espiritismo científico.

Parágrafo único — Futuramente, havendo possibilidades financeiras, a Sociedade deverá organizar ainda:

1. Um hospital — como estabelecimento de caridade e de estúdo dos fenômenos espíritas que se relacionem com a Medicina em geral;

2. Um sanatório — como estabelecimento de caridade e de estudo dos fenômenos espíritas que se relacionem com a Psiquiatria em particular;

3. Uma estação radiodifusora;

4. Um observatório astronômico — não só para estudo e pesquisa, também para difusão prática e popular da Astronomia.

§ 1 — Os departamentos teem a seguinte organização:

I — Departamento de Investigações Experimentais:

1. Secção de Medicina e Psiquiatria;
2. Secção de Física e Eletrologia;
3. Secção de Química e Fotografia;
4. Laboratório de Investigações Psíquicas;

II — Departamento de Estudos Filosóficos:

1. Secção de Moral;
2. Secção de Religião;
3. Secção de Filosofia;

III — Departamento de Difusão Cultural:

1. Secção de Imprensa;
2. Secção de Rádio;
3. Secção de Cinematografia.

§ 3 — O cargo de diretor de Departamento de Investigações Experimentais só pode ser exercido por membro efetivo da Sociedade que seja médico.

Art. 5 — As secções compor-se-ão de membros efetivos, convidados pelo Presidente da Sociedade, em nùmero variavel, de acordo com as necessidades.

§ 1 — Para a Secção de Medicina e Psiquiatria, só pode ser convidado médico ou psiquiatra; para a Secção de Física e Eletrologia, médico, engenheiro, especialista de eletricidade, ou oficial das forças de terra, mar e ar; para a Secção de Química e Fotografia, médico, químico, farmacêutico, ou especialista de fotografia; para a Secção de Imprensa, jornalista ou escritor; para as demais secções, qualquer membro efetivo da Sociedade.

§ 2 — Cada secção do Departamento de Investigações Experimentais tem por função orientar a Sociedade sôbre o resultado da observação e da experimentação ou da verificação, científica, de todo fenômeno que tenha relação com o especificado no respectivo título e diga com o Espiritismo, ou com o Animismo, ou, a um tempo, com o Espiritismo e com o Animismo.

§ 3 — Cada secção terá um presidente, de livre convite do diretor do departamento a que pertença, mas obrigatoriamente médico, si a secção for do Departamento de Investigações Experimentais.

CAPÍTULO II
Do Corpo Social

Art. 7 — O Corpo Social compõe-se de membros efetivos e membros correspondentes, e de sócios contribuintes e sócios cooperadores — de ambos os sexos e de qualquer nacionalidade.

§ 1 — São membros efetivos da Sociedade todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica, ou intelectual, e, num ou noutro caso, também moral, filiadas ao Espiritismo, admitidas na conformidade do presente Estatuto e residentes na cidade do Rio de Janeiro, ou em localidades circunvizinhas.

§ 3 — São membros correspondentes da Sociedade todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica, ou intelectual, e, num ou noutro caso, também moral, filiadas ao Espiritismo, admitidas na conformidade do presente Estatuto, não contribuintes, sem direito a voto e residentes no estrangeiro, ou em qualquer ponto do território brasileiro, não mencionado no § 1 dêste artigo.

§ 5 — O candidato a membro efetivo, ou a membro correspondente, cujas credenciais, científicas ou intelectuais, não forem compravadas, por diplomas cintífico ou profissional, ou por trabalhos publicados, em livro, ou na imprensa, terá de apresentar uma tese sôbre Medicina e Espiritismo, ou sôbre Espiritismo, que receberá parecer duma Comissão especial, designada pelo Presidente da Sociedade, composta de três membros efetivos, antes

de ser julgada, pelos membros da Diretoria e pelos presidentes da secção, funcionando conjuntamente.

§ 6—São sócios contribuintes todas as pessoas filiadas ao Espiritismo, que não possam ser adimitidas como membros efetivos ou membros correspondentes, mas queiram cooperar na missão da Sociedade, contribuindo com a mensalidade de 5$000, no mínimo.

§ 7—São sócios cooperadores todas as pessoas filiadas ao Espiritismo, que não possam ser admitidas como membros efetivos ou membros correspondentes, mas queiram cooperar na missão da Sociedade, fazendo donativo superior a 1:000$000, para o «Fundo de aparelhamento e manutenção do laboratório, da revista e dos demais serviços técnicos».

§ 8—Como sócio, é admissível tanto pessoa física como jurídica.

Da Admissão

Art. 8—A admissão de membro efetivo, ou de membro correspondente, far-se-à mediante proposta, assinada por dois membros efetivos, fiadores de que o candidato é adepto do Espiritismo, subscrita pelo interessado, sujeita a deliberação dos membros da Diretoria e dos presidentes de secção, funcionando conjuntamente, e observado o disposto no art. 7, § 5.

§ 1 — A admissão de sócio contribuinte, ou de sócio cooperador, far-se-à mediante proposta, assinada por um membro efetivo, ou correspondente, fiador de que o candidato é adepto do Espiritismo, subscrita pelo interessado e sujeita à deliberação da Diretoria.

§ 2—Para qualquer admissão, a decisão é tomada por maioria de votos, permanecendo secretos os motivos que determinaram a não aceitação do candidato.

Art. 11—Os sócios teem os seguintes direitos:

a) Frequentar a séde social, respeitados os ambientes que forem considerados privativos, por especiais motivos de seus trabalhos;

b) Utilizar-se da biblioteca, não sendo permitida a retirada de livro para leitura em domicílio;

c) Assistir:

1. às conferências de ordem científica ou doutrinária, realizadas na séde social ou fora dela;

2. aos trabalhos das diversas secções de qualquer departamento, em casos excepcionais e desde que previamente autorizadas pelo respectivo diretor;

d) Receber um exemplar da revista da Sociedade, como assinantes gratuitos.

Da Exclusão

Art. 12—Será excluído da Sociedade o membro ou sócio que incidir em qualquer das seguintes disposições:

a) Deixar de ser adepto do Espiritismo;

b) Atentar contra a reputação ou contra a existência da Sociedade, ou desobedecer qualquer disposição de seu Estatuto;

Parágrafo único—Constitue infração da letra «b» dêste artigo:

1. Utilizar-se da mediunidade, própria ou alheia, para auferir lucros materiais;

2. Receber pagamento, por atos que devam ser de caridade e que, pela aparência, os leigos considerem Espiritismo.

CAPÍTULO IV

Da Filiação de Centros, ou Institutos, para fins Científicos

Art. 22 — Todo centro espírita, ou instituto psíquico, que realize sessões experimentais e queira cooperar na missão da Sociedade, com seus trabalhos e com seus médiuns, para os estudos do Departamento de Investigações Experimentais, ficará filiado à Sociedade, sómente para fins científicos, como sócio contribuinte, mediante petição, dirigida ao Presidente, sujeita a parecer duma Comissão especial e a deliberação da Diretoria, recebendo, si admitido, um diploma de filiação, e podendo inscrever em seus papeis de uso oficial a menção de «Filiado à Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, para fins científicos».

§ 1 — A Sociedade não fica obrigada à verificação dos fenômenos na séde do centro ou instituto filiado.

§ 2 — Uma vez cessada a cooperação do centro ou instituto, fica ao critério da Diretoria manter ou cassar o diploma de filiação.

CAPÍTULO VI

Das Disposições Gerais

Art. 27:

§ 3 — O nome, as finalidades e o carater espírita da Sociedade não podem ser

mudados, sob pretexto algum e sob pena de sua dissolução automática, para os efeitos do art. 26.

Art. 30 — Todas as pessoas não sócias que desejem cooperar na missão da Sociedade, fazendo donativos de quaisquer quantias, bens, ou valores, deverão dirigir-se ao Presidente da Sociedade, ou ao Tesoureiro.

Art. 32 — Só pode ser diretor, membro, ou sócio, bem como exercer qualquer função dentro da Sociedade, mesmo de carater administrativo, quem seja declaradamente espírita.

Art. 34 — Em hipótese alguma poderá a Sociedade exigir pagamento por seus trabalhos, ou pela atividade de seus departamentos, secções,membros, sócios, ou médiuns.

Art. 35 —Embora não tenha por finalidade o exercício da Medicina, mas afim de evitar equívocas interpretações, a Sociedade deixa expressamente ressalvados em seu Estatuto os seguintes princípios, que adota, quanto ao médico em face do doente :

1. Medicina é sacerdócio;

2. A arte de curar é uma profissão, que a caridade sublima, o mercantilismo degrada;

3. O médico tem o direito de prefixar seus honorários, mas deve considerar sempre, a situação econômica do doente;

4. Só o necessitado — permanente, ou temporário—merece tratamento gratuito, a título de caridade.

Conferência sôbre Cairbar Schutel

A «Liga Espírita do Brasil», com séde na Capital Federal, à Rua Uruguaiana n.º 141, sobr., é, incontestavelmente, uma das maiores entidades espíritas dignas do apôio e consideração dos espíritas em geral, pelo seu imenso trabalho nos campos da propaganda doutrinária e da Assistência Social.

Sem medir esforços, o pugílo de homens de boa vontade que dirige e auxilia essa entidade espírita, vem ampliando cada vez mais o seu já vasto programa com iniciativas que visam o engrandecimento do Espiritismo em todos os terrenos da atividade humana.

E' assim que, com o objetivo de ressaltar para as gerações presente e futura a obra dos inolvidáveis luminares do Espiritismo, a «Liga Espírita do Brasil» iniciou uma série de conferências sôbre «Vultos do Espiritismo do Brasil», conferências essas confiadas a espíritas de comprovada competência e assistidas por numerosa assistência.

Em continuação a essa série de conferências, temos a imensa satisfação de comunicar aos nossos prezados confrades, que o Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, talentoso escritor e autor da primeira tese do Congresso de Jornalistas Espíritas, a qual vai saír à publicidade brevemente, está incumbido de fazer, no dia 20 do corrente, ás 18 horas, na séde da «Liga Espírita do Brasil», uma conferência sôbre Cairbar Schutel.

Êsse gesto dos confrades da Capital Federal não pode deixar de nos sensibilizar, porque nêle aparece, em alto relevo, o seu testemunho de solidariedade e veneração pelo vasto trabalho de propaganda doutrinária realizado na terra de Piratininga por Cairbar Schutel, justamente numa época em que falar em Espiritismo era uma temeridade, razão por que êsse abnegado trabalhador da seára cristã teve que enfrentar grandes obstáculos com não pequenos sacrifícios, cuja recompensa, entretanto, vemo-la no prosseguimento ininterrupto de sua obra, que mercê de Deus nos foi confiada. Não será demasiado afirmar que Cairbar Schutel arou e fez a sementeira, cujos frutos sazonados estão sendo agora distribuidos pelos rincões da terra do Cruzeiro do Sul.

A' «Liga Espírita do Brasil» e ao distinto confrade, Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, a nossa sincera gratidão.

Abrigo Ismael, aos Desamparados

E' com grande satisfação que vimos registrando em nossas colunas o aumento sucessivo das iniciativas espíritas no terreno da assistência social, índice seguro do esforço e boa vontade de que estão dotados os espíritos no sentido de pôr em prática os ensinos evangélicos, esmiuçados á luz do Espiritismo. Além disso, taes iniciativas são o testemunho do valor inconfundivel da doutrina espírita, magistralmente codificada pelo grande Missionário Allan Kardec.

E' assim que acaba de ser fundado

em Goiania, capital de Goiás, o «Abrigo Ismael, aos Desamparados», que visa recolher, sustentar e manter os que, em condições de pobreza, necessitam do auxílio de seus irmãos. Referido asilo abrigará, de preferência, a velhice desamparada, mas abrigará, também, quaisquer indigentes, sem distinção de credo, raça ou nacionalidade.

Trata-se de uma obra altamente filantrópica que está sendo realizada pelos espíritas de Goiás, obra essa que merece o apôio moral e material dos espíritas em geral, aos quais está aféta a grandiosa tarefa de cooperar para a unificação da humanidade sobre as bases da fraternidade cristã.

Qualquer donativo para esta obra pode ser endereçado ao dr. Arthur Deodato Bandeira, Rua 20, Goiania, Capital do Estado de Goiás.

Abrigo Jesus

Graças à ação do Espiritismo e à boa vontade, espírito de sacrifício e desinteresse dos espíritas, as obras de assistência social estão tomando vulto promissor em todos os rincões da «Pátria do Evangelho».

Enquanto nas nações de além-mar a guerra se desenvolve num crescendo assustador, envolvendo povos contra povos numa luta fratricida sem paralelo na história da humanidade, no Brasil, notadamente da parte dos espíritas que, com muito acerto, estão classificados como os novos e verdadeiros cristãos, as obras de assistência social, aumentam dia a dia.

E' assim que, em Belo Horizonte, capital de Minas, está em construção o «Abrigo Jesus», que se destina a dar assistência à infância desvalida, isto é, internar e instruir crianças de ambos os sexos, sem distinção de raças, nem de crenças, ministrando-lhes também educação profissional.

Trata-se de uma obra gigantesca, bastando afirmar que está sendo construida num quarteirão, com 10.000 metros quadrados.

Esta, como todas as obras espíritas está sendo amparada pelo óbulo dos espíritas, motivo por que a sua digna Diretoria, por nosso intermédio, está lançando um apêlo a todos os corações generosos, no sentido de obter dos mesmos uma dádiva que, por muito pequena que seja, não deixará de cooperar para o erguimento dessa instituição essencialmente cristã.

Os óbulos podem ser enviados ao «Abrigo Jesus», Rua Curitiba, 626, Belo Horizonte, Minas.

Necrológio

OSCAR BREYER

Voltou à Pátria Espiritual, em Porto Alegre, dia 29 de Janeiro último, com a idade de 60 anos, o confrade Oscar Breyer, diretor da nossa prezada colega, «A Reincarnação», que se publica nessa Capital.

Constante, operoso, modesto, calmo e dotado de admirável bom humor, o desincarnado foi incansável no trabalho de difusão da doutrina, acolhendo e ajudando com satisfação cristã, as grandes obras de caridade e de espiritualização.

Em virtude de sua dedicação, era frequentemente escolhido para ocupar cargos de responsabilidades em entidades espíritas, deixando em todas elas largas folhas de serviços prestados.

Deixa a lamentar-lhe a ausência, a exma. viuva D. Maria Izabel Breyer, e um filho, capitão do Exercito, Clovis Breyer, também nosso confrade.

Antes de baixar o corpo à sepultura, fizeram uso da palavra, relembrando os bons serviços do desincarnado, a irmã Prof. D. Alcina Taborda Garcia e o confrade sr. Ernesto Paiva Teixeira, presidente da Federação Espírita Riograndense, por esta entidade e pela «A Reincarnação».

—Ao espírito recem-liberto dêste esforçado obreiro, felicidade, paz e progresso na Pátria Espiritual.

MEDIUM AQUINO
A Barqueira do Júcar 7$000

MIGUEL VIVES
Guia Prático do Espírita 4$000

MANOEL PIZARRO
Contradição do Catolicismo e do Protestantismo sob o ponto de vista do Espiritismo 8.000

NORALDINO DE CASTRO (DR.)
O Espiritismo é a Religião 5.000

NOGUEIRA DE FARIA
A Renascença da Alma 5.000

NOEL VARÃO
Oração de um Crente 4.000

OLIVER LODGE (SIR)
A Formação do Homem 8$000
Raymond 6$000

OSWALDO MELLO
Epistola aos Espíritas 6$000

OSMANI EMBOABA (DR.)
Fenomenologia Mediunica 7$000

OBRA MEDIUNICA
Revelação dos Papas 25$000

OSCAR D'ARGONNEL
Vozes do Além pelo telefone 3$000
Não ha Morte 4$000

O. BELEM
Jerusa 6.000

PAUL BODIER
A Granja do Silêncio—romance 6.000

PADRE MARCHAL
Espírito Consolador 8 000

PIETRO UBALDI
A Grande Síntese 25.000

PADRE ALTA
O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários 12.000

PHILEMON
Cartas a meus filhos 5$000

PAUL GIBIER (DR.)
Analise das Cousas 6$000

ROMEU A. CAMARGO
O Protestantismo e o Espiritismo á Luz dos Evangelhos 6.000
De Cá e de Lá 8.000
Salvação pela fé ou pelas obras ? 6.000

ROBERT DALE OWEN
Região em Litigio 10.000

RAMIRO GAMA
O Sol da Caridade (versos) 5.000

SOUZA DO PRADO
Padres, Médicos e Espíritas 6$000

STAINTON MOSES
Ensinos Espiritualistas 8$000

SPARTACO BANAL
As sessões praticas do Espiritismo 4.000

SNRA. DE W.
Aqueles que nos deixam 4.000

VINICIUS
Nas pégadas do Mestre 8.000

VITOR HUGO
Dor Suprema (2 vol.) 20.000
Na Sombra e na Luz 10$000
Do Calvario ao Infinito 12$000
Redenção 10$000

WILLIAM CROOKES
Fatos Espíritas 6$000

ZOEOLNER
Física Transcendental 6.000

ZILDA GAMA
Elegias Douradas 2$000

BIBLIAS
Biblia pequena 10$000
Novo Testamento—capa dura 4$000
« « pequeno 3.000
« « Mignon 3.000
Novo Testamento em Esperanto 5$000

—

COLEÇÕES da «Revista Internacional do Espiritismo»

1.º ano	100.000	2.º ano	40.000
3.º »	100.000	4.º »	35.000
5.º »	50.000	6.º »	40.000
7.º »	40.000	8.º »	40.000
9.º »	100.000	10.º »	40.000
11.º »	50.000	12.º »	50.000
13.º »	50.000		

Préces e Noções Espíritas
100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exempl. $600 Encadernado 2.000

Espiritismo para as crianças
100 exempl. 50.000 50 exempl. 27.000
1 exemplar $600

—

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia e mais 10 % para registro

Todas estas obras estão à venda na

LIVRARIA D'«O CLARIM»

Av. 28 de Agosto, n. 301

Estado de São Paulo — Matão — E. F. A.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano — Assinatura simples		20$000
— BRASIL	— Ano — Assinatura registrada		25$000
ESTRANGEIRO	— Ano — Assinatura simples		30$000
ESTRANGEIRO	— Ano — Assinatura registrada		45$000

NUMERO AVULSO 2$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Pa[illegible]30 :-: Rio de Janeiro